



Instituto Politécnico
de Viana do Castelo

ASSOCIAÇÃO DE POLITÉCNICOS DO NORTE (APNOR)
INSTITUTO POLITÉCNICO DE BRAGANÇA

**Educação financeira dos estudantes da Universidade Tecnológica
Federal do Paraná (UTFPR)**

Tamiris Ferreira de Andrade

Dissertação final submetida para o Instituto Politécnico de Bragança para obtenção
do grau de Mestre em Gestão das Organizações, Ramo em Gestão de Empresas

Orientada por:

António Fernandes

Rogério Duenhas

Bragança, Junho, 2019.



Instituto Politécnico
de Viana do Castelo

ASSOCIAÇÃO DE POLITÉCNICOS DO NORTE (APNOR)

INSTITUTO POLITÉCNICO DE BRAGANÇA

**Educação financeira dos estudantes da Universidade Tecnológica
Federal do Paraná (UTFPR)**

Tamiris Ferreira de Andrade

Orientada por:

António Fernandes

Rogério Duenhas

Bragança, Junho, 2019.

Abstract

Financial education is defined by the Organization for Economic Co-operation and Development (OECD) as the combination of factors: self-perception, confidence, skill, knowledge, behavior and financial attitude. Through this definition, the present work aims to use quantitative criteria to verify the ability of individuals to transform financial knowledge into behavior in daily financial decisions such, as have a budgeting, make planned purchases and save money. To achieve this goal, students of bachelor's degree, technologist and licentiate of the Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR were selected as the study sample. To collect the data, a questionnaire was made composed of 35 questions and 913 valid answers were gathered. Data collection, treatment and analysis methodologies were based on the work of the OECD, whose latent variable, level of financial education, is obtained through a system of knowledge punctuation, behavior and financial attitude. By the analysis of the descriptive results, a high general score in financial knowledge was observed, but the financial behavior score was below the minimum score established by the OECD. With the analytical study was possible to verify that at the level of significance of 0.01 the sociodemographic factors are differentiators of financial performance and there is correlation, as expected, between the financial education and the variables that compose it. Furthermore the students' financial self-perception is realistic with the level of financial education that they have and, also, the students who have higher financial education have healthy planning behaviors, namely the preparation for unforeseen expenses and social retirement planning. However, it is important to emphasize that the students that have such behaviors are minority.

Keywords: financial education, financial knowledge, financial behavior, financial attitude, behavioral finance.

Resumo

A educação financeira é definida pela *Organisation for Economic Co-operation and Development* – OECD – como a combinação dos fatores: autopercepção, confiança, habilidade, conhecimento, comportamento e atitude financeira. A partir desta definição, o presente trabalho tem por objetivo utilizar critérios quantitativos para verificar a capacidade dos indivíduos de transformar conhecimento financeiro em comportamento nas decisões financeiras do dia a dia, por exemplo, possuir orçamento doméstico, realizar compras planejadas e poupar. Para tanto, foram selecionados como amostra de estudo os alunos de bacharelado, tecnólogo e licenciatura da Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR. A coleta dos dados foi realizada a partir do envio de um questionário composto por 35 perguntas, no qual foram retornadas 913 respostas válidas. As metodologias de coleta, tratamento e análise dos dados foram baseadas no trabalho da OECD, cuja variável latente, nível de educação financeira é obtida através de um sistema de pontuação do conhecimento, comportamento e atitude financeira. A partir da análise dos resultados descritivos observou-se uma alta pontuação geral em conhecimento financeiro, porém comportamento financeiro ficou abaixo da pontuação estabelecida como mínima pela OECD. No estudo analítico verificou-se que ao nível de significância de 0,01 que os fatores sociodemográficos são diferenciadores de desempenho financeiro, que existe correlação como esperado entre educação financeira e as variáveis que a compõe, que a autopercepção financeira dos alunos é realista com o nível de educação financeira que possuem bem como o fato de que os alunos que possuem educação financeira superior têm comportamentos saudáveis de planejamento, nomeadamente o preparo para despesas imprevistas e planejamento previdenciário. Contudo, é importante ressaltar que são minoria os alunos que apresentam tais comportamentos.

Palavras-chave: educação financeira, conhecimento financeiro, comportamento financeiro, atitude financeira, finanças comportamentais.

Agradecimentos

Na realização da presente dissertação tive muito apoio direto e indireto de muitas pessoas e instituições às quais estou profundamente grata. Quero deixar expresso os meus agradecimentos:

- À Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) e ao Instituto Politécnico de Bragança (IPB) pela oportunidade oferecida no programa de Dupla Diplomação que resultou em muito aprendizado e vivência.
- Ao meu orientador António Fernandes por todo o apoio e instrução ofertada para a realização deste estudo sempre com muita atenção, disponibilidade e predisposição.
- Ao meu co-orientador Rogério Duenhas que mesmo a distância contribuiu com correções, orientações sempre que precisei.
- A minha família que sempre incentivou meus estudos e me apoiou em mais uma aventura.
- Ao meu grande amigo Cesar Vaz que me apoiou e incentivou durante toda a dupla diplomação e contribuiu ativamente para o desenvolvimento deste trabalho.
- Aos meus grandes amigos que tornaram essa experiência em algo inesquecível e que participaram e incentivaram a realização desse estudo: Avatar Zahdi, Bruno Alves, Isis França e Stefany Rodrigues.
- As minhas amigas que mesmo a distância se preocuparam e se disponibilizaram a ajudar: Caroline Pereira, Fabiane Oliveira e Tâmilis Moraes.

Muito obrigada!

Acrônimos e Siglas

ANBIMA	Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais
BACEN	Banco Central do Brasil
BM&F BOVESPA	Bolsa de Valores, Mercadorias e Futuros
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CNseg	Confederação Nacional das Seguradoras
CONEF	Comitê Nacional de Educação Financeira
CVM	Comissão de Valores Mobiliários
ENEF	Estratégia Nacional de Educação Financeira
FEBRABAN	Federação Brasileira de Bancos
GFLEC	<i>Global Financial Literacy Excellence Center</i>
MEC	Ministério da Educação
OECD	<i>Organisation for Economic Co-operation and Development</i>
PISA	<i>Programme for International Student Assessment</i>
PREVIC	Superintendência Nacional de Previdência Complementar
RC ² PI	Rede de Ciências Comportamentais e Proteção do Investidor
SUSEP	Superintendência de Seguros Privados
TUE	Teoria da Utilidade Esperada
UTFPR	Universidade Tecnológica do Paraná

Índice

Lista de Figuras	viii
Lista de Tabelas	ix
Introdução.....	1
1. Referencial Teórico	4
1.1. Educação Financeira.....	4
1.1.1. Conceitos financeiros	7
1.1.2. Comportamento financeiro e atitude financeira	9
1.1.3. Finanças comportamentais	11
1.2. Nível de educação financeira no Brasil e no Mundo.....	15
2. Metodologia	21
2.1. Objeto de estudo e hipóteses de pesquisa	22
2.2. População vs. Amostra	23
2.3. Instrumento de pesquisa	23
2.4. Análise dos dados	23
3. Apresentação e Análise dos Resultados	28
3.1. Estudo descritivo	28
3.1.1. Caracterização da amostra	28
3.1.2. Autopercepção das finanças pessoais.....	31
3.1.3. Conhecimento financeiro.....	32
3.1.4. Comportamento financeiro	32
3.1.5. Atitude financeira.....	36
3.1.6. Educação financeira.....	37
3.2. Estudo analítico	39
3.2.1. Estudo correlacional.....	39
3.2.2. Estudo comparativo segundo fatores sociodemográficos	40
3.3.1. Validação das hipóteses	42
Considerações Finais	44

Referências	47
Apêndice I - Questionário da pesquisa	51
Apêndice II - Variáveis financeiras segundo fatores sociodemográficos	57
Apêndice III - Educação financeira segundo fatores sociodemográficos	59

Lista de Figuras

Figura 1. Porcentagem de estudantes em cada nível de proficiência em educação financeira.....	16
Figura 2. Atitude financeira.	36
Figura 3. Distribuição de conhecimento, comportamento, atitude financeira e nível de educação financeira.	38

Lista de Tabelas

Tabela 1. A Educação Financeira no Brasil.	18
Tabela 2. Metodologia OECD para o cálculo da variável conhecimento financeiro.	24
Tabela 3. Metodologia OECD para o cálculo da variável comportamento financeiro.	25
Tabela 4. Metodologia OECD para o cálculo da variável atitude financeira.	26
Tabela 5. Caracterização da amostra	29
Tabela 6. Autopercepção de finanças pessoais	31
Tabela 7. Conhecimento financeiro.....	32
Tabela 8. Variáveis ordinais de comportamento financeiro	33
Tabela 9. Comportamento financeiro	35
Tabela 10. Planejamento para previdência.....	37
Tabela 11. Média de pontuação atingida em cada variável.....	38
Tabela 12. Correlação entre conhecimento, comportamento, atitude e educação financeira.....	40
Tabela 13. Hipóteses de pesquisa	43

Introdução

Avanços e mudanças tecnológicas, regulatórias e econômicas elevaram a complexidade dos serviços financeiros disponíveis (cartões de crédito, cheques, seguros, investimentos etc.), porém, a falta de conhecimento sobre o assunto compromete algo mais básico que a escolha de um produto financeiro, compromete as decisões financeiras cotidianas. Por esse motivo, o seguinte trabalho aborda educação financeira com a esperança de propagar discussões e reflexões sobre o assunto inclusive no âmbito acadêmico, por isso mensurou o nível educacional financeiro dos estudantes da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Para isso utilizou-se da metodologia da OECD (2016) que avalia educação financeira através das variáveis: conhecimento, comportamento e atitude financeira.

Apresentação do tema

O estudo de atitude financeira e comportamento de consumo relativo ao dinheiro tem sido bastante abordado há mais de três décadas por economistas, psicólogos e sociólogos (Falahati & Paim, 2011). O tema de estudo é relativamente comum nos países mais desenvolvidos, que se preocupam em instruir as pessoas sobre a necessidade de poupar para a aposentadoria, porém o mesmo não acontece nos países em desenvolvimento, por isso a importância do estudo nessa área.

No desenvolvimento do trabalho o termo educação financeira será bastante utilizado, uma vez que figura o tema central do estudo. Na literatura estrangeira anglo saxônica, o termo é referenciado como *financial literacy* e, segundo Altman (2012) é definido em ter conhecimento, habilidades e confiança para tomar decisões financeiras responsáveis.

Jacob, Hudson e Bush (2000) define separadamente o termo educação financeira, sendo que a palavra financeira aplica-se em atividades diárias das nossas vidas que estão relacionadas com dinheiro como, controle do cartão de crédito, desenvolver um orçamento mensal ou investir. Para os mesmos autores, a palavra educação, abrange a capacidade do indivíduo de ler e aplicar as habilidades matemáticas básicas além do conhecimento de termos, práticas, leis, direitos e atitudes necessárias para entender e executar essas tarefas financeiras essenciais de forma assertiva.

Ainda segundo os autores, a falta de educação financeira pode contribuir para más decisões financeiras, que são prejudiciais para o indivíduo e para a sociedade. Sem entender os conceitos do dinheiro e opções financeiras, as pessoas são mais suscetíveis a pagar mais do que suas capacidades, resultando muitas vezes em endividamento, perda de crédito ou refletindo negativamente no perfil dos investidores, por exemplo, criando um portfólio de investimento incompatível com seus desejos.

Problema de Pesquisa

A pesquisa teve como propósito responder à seguinte pergunta: “Existe relação entre a percepção de conceitos de educação financeira dos estudantes da Universidade Tecnológica Federal do Paraná com a sua gestão de finanças pessoais?”.

Objetivo geral

Busca-se verificar o conhecimento sobre conceitos financeiros e sua aplicação no dia a dia dos estudantes.

Objetivos específicos

- Mensurar o conhecimento, comportamento, atitude e nível de educação financeira e compará-los com fatores sociodemográficos.
- Verificar se existe correlação entre a educação financeira e as variáveis que a compõe.
- Identificar a autopercepção financeira dos estudantes, isto é, como avaliam seu desempenho em suas finanças pessoais.
- Analisar o comportamento financeiro do dia a dia, isto é, se possuem comportamentos saudáveis como orçamento, poupança, controle financeiro, metas, escolha de produtos e conduta em face de dívidas.
- Analisar as atitudes financeiras, isto é, valoriza o imediatismo ou decisões de longo prazo.
- Verificar se a universidade está desempenhando papel significativo na formação de conhecimento financeiro dos estudantes.

Justificativa

Todos os dias pessoas se deparam com opções e necessitam decidir qual a melhor opção que satisfaça as suas necessidades e dos que as rodeiam. Não é diferente no âmbito financeiro, é necessário conhecer e avaliar qual o produto financeiro mais indicado para cada situação financeira.

No estudo realizado por *Global Financial Literacy Excellence Center* (GFLEC) sobre educação financeira, foi apresentado que o Brasil estava na 74ª posição no nível geral de educação financeira dentre os 144 países analisados. O Brasil ficou atrás de países mais pobres do mundo como Togo e Zimbábue. Resultados semelhantes foram encontrados em pesquisas realizadas pela *Organisation for Economic Co-operation and Development* – OECD que avaliou o nível de educação financeira observando o conhecimento, comportamento e atitudes financeiras.

Diante desses fatos, fica ressaltado que é de interesse coletivo a preocupação de instruir e educar a população para aprimorar a capacidade financeira desses indivíduos para prover condições suficientes para a sobrevivência no ambiente econômico e realizar escolhas financeiras mais assertivas ao longo da sua vida.

Instrumentos metodológicos

A metodologia utilizada foi do tipo quantitativa, transversal e analítica. A forma de amostragem utilizada foi não probabilística, selecionada por conveniência através de um questionário *online* disponibilizado aos estudantes de todos os campus em abril de 2019. O questionário foi elaborado com base na pesquisa *Internacional Survey of Adult Financial Literacy Competences* (2016) publicada pela *Organisation for Economic Co-operation and Development* (OECD), assim como a metodologia utilizada para aferir o nível de educação financeira que é calculada a partir de três variáveis: conhecimento, comportamento e atitude financeira.

Estrutura do trabalho

O trabalho está organizado em quatro capítulos: Referencial Teórico, que apresenta diversas perspectivas de autores sobre educação financeira, conceitos financeiros, comportamento financeiro e finanças comportamentais, além da contextualização do ensino financeiro no Brasil e no Mundo; Metodologia de pesquisa, que trata da amostra e população do estudo e análises realizadas; Apresentação e Análise dos Resultados evidencia as principais informações descobertas na pesquisa; e Considerações finais, que elucida os principais resultados e restrições da pesquisa, além de sugestões na metodologia para aprimoramento dos resultados.

1. Referencial Teórico

O embasamento teórico foi estruturado em duas seções principais: Educação financeira e Nível de educação financeira no Brasil.

Na primeira seção, foi apresentado o conceito de educação financeira definida por diferentes autores e organizações. Em seguida, aprofundou-se o assunto em duas subseções: conceitos financeiros, e comportamento e atitude financeira. Na subseção de conceitos financeiros apresentou-se conhecimento financeiro e na subseção de comportamento e atitude financeira foi abordado o que os autores argumentam sobre o processo de tomada de decisão sobre escolhas financeiras.

Na segunda seção foram abordados resultados obtidos de estudos realizados no mundo sobre o nível de educação financeira, assim como, os principais planos de educação financeira presentes no Brasil. O trabalho foi estruturado de forma a apresentar como a educação financeira está relacionada com as decisões financeiras cotidianas das pessoas.

1.1. Educação Financeira

A palavra economia vem do grego *oikonomos*, que significa “aquele que administra uma casa” (Mankiw, 2009, p.3). Em relação à educação, Mankiw (2001, p.543) exalta que “o investimento em educação é tão importante quanto o investimento em capital físico para o sucesso econômico em longo prazo de um país”, ou seja, é importante incentivar o ensino para melhorar a riqueza e o padrão de vida da população e além do ensino convencional é necessário o ensino econômico para gerir adequadamente uma unidade familiar.

Logo nos primeiros momentos de consciência as crianças observam os pais tomando decisões diárias na tentativa de melhor satisfazer necessidades básicas como educação, saúde e alimentação. Portanto, fica em evidência onde a primeira base de conhecimento é formada sobre economia financeira pessoal. As atitudes relativas ao dinheiro são desenvolvidas através do processo de socialização em que a família é a primeira grande influenciadora sobre as decisões de consumo e pode resultar em comportamentos positivos com decisões assertivas ou comportamentos financeiros inadequados e prejudiciais (Moreira, Casotti & Campos, 2018).

A educação financeira pode ajudar muito as famílias a terem um melhor comportamento de consumo, ou seja, realizarem melhores escolhas de produtos e serviços, baseados em conceitos financeiros a fim de obterem bem-estar financeiro.

Para Jacob, Hudson e Bush (2000), a palavra financeira do termo educação financeira, refere-se a gama de atividades que realizamos em nosso cotidiano que envolvam dinheiro, desde o controle do cartão de crédito, gerenciamento do cheque e planejamento orçamentário até a aquisição de um empréstimo, seguro ou investimento.

Educação financeira é para consumidores uma ferramenta que permite a decisão da opção mais vantajosa para seu bem-estar financeiro. Sua deficiência afeta indivíduos e famílias na administração diária dos recursos financeiros e na habilidade de poupar para objetivos em longo prazo, como comprar uma casa, adquirir formação superior ou planejamento previdenciário. (Braunstein & Welch, 2002).

O conhecimento do dinheiro e a habilidade de manipulá-lo são definidos por Jacob, Hudson e Bush (2000) e divididos em três categorias, cada uma contribuindo de forma diferente para a capacidade de um indivíduo de participar de forma ativa na economia. A primeira categoria é *economic literacy*, ou alfabetização econômica, refere-se ao conhecimento geral sobre como a economia funciona, inclui conceitos como escassez, preço e as interações de oferta e demanda, estrutura de mercado, inflação, desemprego, mercado de ações, regulamentação governamental, política monetária e comércio internacional. A segunda categoria é *consumer literacy*, o conhecimento dos direitos e responsabilidades dos atores econômicos e a habilidade de comparação de preço e qualidade nas decisões de compra. A terceira categoria é *financial literacy*, representa o conhecimento e habilidades financeiras pessoais. *Financial literacy*, abrange a habilidade de entender conceitos financeiros e de traduzir habilmente o conhecimento em comportamento.

É possível relacionar *consumer literacy* com a declaração de Braunstein e Welch (2002) que afirma que pessoas informadas sobre educação financeira além de terem o benefício pessoal deixam o mercado mais competitivo, pois buscam produtos condizentes com sua situação e necessidade

financeira a curto e médio prazo, requisitando assim, do mercado, produtos que melhor se enquadrem em sua demanda.

Das três categorias, a mais importante para famílias que possuem rendimentos menores é *financial literacy*, ou educação financeira, pois sem o conhecimento não conseguirão dinheiro para investir ou comparar opções de compra (Jacob, Hudson & Bush, 2000). A educação financeira para essas famílias é vital, uma vez que precisam tirar o proveito máximo de suas rendas diminutas e evitar perdas de dinheiro e, para crescer o patrimônio na esperança de melhorar o bem-estar financeiro.

A dificuldade de administrar os seus próprios recursos pode ser chamada de incapacidade financeira que para Clark, D'Ambrosio, Mcdermed e Sawant (2006) implica em: a) formação de poupança previdenciária tardia; b) dificuldade na tomada de decisões de investimento, consumo e poupança; e c) aumento da insegurança em relação ao risco e ao retorno dos produtos de investimento.

Indiferente ao nível de renda, as pessoas têm objetivos: alimentação básica, educação, casa própria, aposentadoria ou até independência financeira e têm o desejo de concretizá-los. A educação financeira é uma ferramenta para alcançar esses objetivos, pois, engloba conhecimentos financeiros e a capacidade de transformar o conhecimento em atitudes. Diferentes autores e organizações definem educação financeira como algo vital para o desenvolvimento do bem-estar na perspectiva familiar e que, é facilmente refletido na sociedade (Braunstein & Welch, 2002; OECD, 2005; Jacob, Hudson & Bush, 2000).

A *Organisation for Economic Co-operation and Development* – OECD é uma organização com o objetivo de desenvolver e promover o crescimento de economias e busca promover políticas de desenvolvimento econômico e ajudar no bem-estar das pessoas. Para isso a OECD desenvolve pesquisas e publica estudos na área de educação financeira.

A OECD define educação financeira como uma combinação de autopercepção, confiança, conhecimento financeiro, habilidade, atitude e comportamento para tomar decisões financeiras sólidas e, finalmente, alcançar o bem-estar financeiro (OECD, 2016).

O conhecimento financeiro indicado na definição de educação financeira refere-se ao:

[...] processo pelo qual consumidores e investidores melhoram seu entendimento sobre os conceitos e os produtos financeiros e, através da informação, instrução e/ou conselhos objetivos, desenvolvam as habilidades e a confiança para conhecer melhor os riscos e as oportunidades financeiras, e assim tomarem decisões fundamentadas que contribuem para melhorar o seu bem-estar financeiro (OECD, 2016, p.13).

A OECD define comportamento financeiro como ações que moldam sua situação financeira e bem-estar financeiro tanto em curto como longo prazo. Práticas como pagar as contas em dia, ter um orçamento doméstico e poupar são consideradas fatores que levam a um comportamento financeiro positivo. Por outro lado, condutas como atrasar pagamento de contas e comprar por impulso são negativos ao comportamento financeiro (OECD, 2016).

Apesar de possuir conhecimento financeiro e inclinações positivas de comportamento financeiro a educação financeira e suas tomadas de decisão ainda dependem da atitude do indivíduo em relação ao dinheiro e planejamento para o futuro (OECD, 2016).

O nível de educação financeira foi mensurado pela OECD em diversos países, esse indicador foi composto através das três variáveis mencionadas anteriormente: conhecimento, comportamento e atitude financeira. Buscou-se avaliar o conhecimento financeiro através de perguntas sobre valor do dinheiro no tempo, juros de um empréstimo, juros compostos, risco e retorno, inflação e diversificação de risco. Para avaliar o comportamento foram observadas as ações dos entrevistados, como: postergação de pagamentos de contas, falta de realização orçamentos e planejamento de despesas futuras, escolha de produtos financeiros sem antes comparar com outras opções, entre outros. Por último, a variável atitude buscou analisar a conduta das pessoas frente a realizar objetivos de longo prazo. Logo concluíram que, as ações e os comportamentos dos consumidores moldam a situação financeira e bem-estar das famílias, tanto a curto como em longo prazo (OECD, 2016). Tal pesquisa foi replicada nos estudantes da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. As próximas subseções tratam das variáveis que a OECD considera fator componente de educação financeira: conhecimento financeiro e comportamento, atitude financeira.

1.1.1. Conceitos financeiros

Para entender conceitos financeiros é preciso voltar a um conceito mais simples que a cada dia se torna mais abstrato com o avanço da tecnologia: a definição de moeda. A moeda é caracterizada como: um instrumento de troca (permite transações econômicas e pagamentos de dívidas), reserva (poupança) e unidade de valor (medimos e comparamos o valor das coisas) (Keynes, 1936; Samuelson & Nordhaus, 1999). A sua correta gestão permite a alocação de recursos escassos ao longo do tempo, avaliando as alternativas e facilitando o processo de tomada de decisão de consumo.

Na vida cotidiana é clara a necessidade de consumir para satisfazer as necessidades humanas. A ideia de consumo está ligada absorver recursos disponíveis para ampliar a condição de sobrevivência. Nas sociedades atuais pode-se dizer que é um processo social que explica a forma de

acesso a bens e serviços e mecanismo produtor de identidade e definição de estilo de vida (Kachuba & Pieruccini, 2015).

Todo o excedente da renda que não é utilizado para o consumo é definido como poupança, mas como a poupança e o investimento são excedentes da renda após o consumo, os dois montantes são iguais sob a perspectiva de uma economia fechada (Keynes, 1936; Mankiw, 2001). Bodie (2006) afirma que poupar é não utilizar o recurso financeiro no consumo corrente, ou seja, é poupá-lo para uso futuro.

Bodie (2006) explica que em materiais de educação financeira, os conceitos de poupança e investimento são explicados erroneamente, pois poupança é apresentada como o montante aplicado em opções sem risco, como contas bancárias e que investimento é exposto como o montante aplicado em opções que possuem risco como mercado de ações. Do ponto de vista prático, não existem investimentos sem risco, já que até mesmo bancos podem falir e arriscar a aplicação do recurso. Diante disso, pode-se concluir que investir é aplicar recursos tanto em ativos com risco quanto em ativos inicialmente apresentados sem risco.

Investimento é definido por Bodie (2006) como a aplicação dos recursos no espectro de opções seguras a arriscadas. Esse espectro varia de acordo com a peculiaridade de cada pessoa, por exemplo, a compra de uma casa, para uma pessoa que pretende morar um grande período de tempo na mesma vizinhança é um investimento seguro, mas o grau de risco se eleva para uma pessoa que pode ter que se mudar. Para o autor, uma atitude indispensável é a diversificação do risco, ou seja, não aplicar todo o seu recurso em somente um tipo de investimento, assim, os ganhos de um investimento será capaz de suprir as perdas de outro.

Kotler e Keller (2007) afirmam que as escolhas financeiras são extremamente afetadas por variáveis econômicas, por exemplo, renda disponível (nível, estabilidade e periodicidade), economias e bens, débitos, capacidade de endividamento e atitude em relação a gastar e poupar.

No processo de aquisição de um produto os consumidores deparam-se com uma infinidade de opções tanto de produtos similares como de pagamento e para escolher a melhor opção, em ambos os casos, é necessário ter pelo menos conhecimento básico sobre alguns conceitos financeiros. O entendimento do funcionamento de fluxo de caixa, valor do dinheiro no tempo, juros compostos, diferença entre taxas reais e nominais, compreensão de risco e retorno e diversificação de riscos são o mínimo de conhecimento de conceitos financeiros que as pessoas precisam obter para lidar diariamente com decisões e escolhas financeiras. (Lusardi, 2009; Bernheim 1995; Bernheim 1998 citado por Miranda & Costa, 2013; Lucci, Zerrenner, Verrone & Santos, 2006).

O acesso ao crédito é cada vez mais facilitado e a variedade de produtos financeiros como cheque especial, financiamentos e cartão de crédito é muito alta, o que exige do consumidor conhecimentos mais complexos de conceitos financeiros, para evitar terminarem inadimplentes. Porém, além do conhecimento é necessário que isso seja refletido nas ações do dia a dia, ou seja, que sua atitude seja traduzir o conhecimento em comportamento.

1.1.2. Comportamento financeiro e atitude financeira

Para Kotler e Keller (2006) o estudo do comportamento do consumidor observa como pessoas, grupos e organizações escolhem, usam e descartam artigos, serviços, ideias e experiências para satisfazerem suas necessidades e desejos. Os autores também afirmam que o comportamento de compra é influenciado por fatores culturais (classes sociais, cultura e subcultura), sociais (grupo de referência, família, papéis e *status*), pessoais (idade, estágio no ciclo da vida, ocupação, circunstâncias econômicas, estilo de vida, valores, personalidade e autoimagem) e psicológicos (motivação, percepção, aprendizagem, memória, crenças e atitudes).

O estudo sobre comportamento financeiro transcende diversas áreas, psicologia, sociologia, economia e marketing são alguns exemplos. As atitudes relativas ao dinheiro são desenvolvidas através do processo de “socialização do consumidor”, porém convém entender o conceito antes de ser associado ao consumo.

O termo “socialização” na Sociologia está relacionado com a formação e adaptação do indivíduo para se tornar um membro da sociedade, na Psicologia enfoca no preparo e nas capacidades para a convivência em grupos sociais e na Economia engloba aspectos relevantes para a atuação enquanto agente econômico (Moreira, Casotti & Campos, 2018). Com a emergência cultural do consumo, autores começaram a utilizar o termo “socialização” no campo de estudo do consumo como o pesquisador Scott Ward. O autor propôs o termo “socialização do consumidor” na área de marketing, em um artigo publicado no *Journal of Consumer Research*, nos anos 70. O autor definiu o termo como: “[...] processo pelo qual pessoas jovens [leia-se crianças e adolescentes] adquirem competências, conhecimentos e atitudes relevantes para seu funcionamento como consumidores no mercado” (Ward, 1974, p.2). Posteriormente outros autores confrontaram a ideia de o conhecimento ser adquirido apenas nas primeiras fases da vida, defendendo uma expansão dos estudos para englobar a vida adulta. Berger e Luckmann (1967) argumentam que os conhecimentos não se mantêm inalterados por todo o ciclo de vida das pessoas, ou seja, que os indivíduos podem desenvolver comportamentos diversos e até opostos ao longo da vida. Estudar a socialização significa compreender como as pessoas constroem e reconstróem seus papéis sociais de consumidores (Ekstrom, 2006 citado por Moreira, Casotti & Campos, 2018).

O processo de socialização molda os valores, atitudes, informações e habilidades que os seres têm pelo mundo e também nos quesitos econômico-financeiro e consumo, que podem resultar em condutas corretas ou na formação de hábitos negativos à vida financeira (Moreira, Casotti & Campos, 2018).

O nível de escolaridade definido pela OECD (2005) aponta que, depende do acesso a informações, experiências e algum conhecimento de aspectos econômicos e políticos. Assim sendo, é possível inferir que a socialização e a trajetória escolar do indivíduo têm pesos bastante significativos na sua atitude e comportamento financeiro, uma vez que a escola é um lugar propício a ter contato com informações e conceitos financeiros.

Um estudo realizado por Lusardi (2009) com os dados do *Health and Retirement Survey* mostrou que mulheres, negros, hispânicos e pessoas com menor nível de escolaridade apresentaram pior desempenho nos testes de educação financeira do que homens brancos e aqueles que possuíam maior nível de escolaridade. Já Campbell (2006) com os dados do *Survey of Consumer Finances* estudou a participação dos agentes no mercado de ativos mais arriscados como a bolsa de valores, e afirma que segundo os dados: “existe um forte efeito positivo da escolaridade, renda e riqueza na participação no mercado acionário” (Campbell, 2006, p.15). O autor também indica que existe uma relação entre escolaridade e poupança, segundo ele, pessoas mais escolarizadas poupam mais.

Contrapondo esses resultados, a pesquisa de Miranda e Costa (2013) realizada no Brasil testou duas hipóteses: de que a escolaridade (H_1) e de que a educação financeira (H_2) influencia positivamente o percentual de poupança individual. Nos resultados foi rejeitada a hipótese de que a escolaridade afeta positivamente a taxa de poupança e foi confirmada a hipótese do efeito da educação financeira sobre a taxa de poupança.

Pessoas não instruídas financeiramente tendem a ter dificuldade de administrar os seus próprios recursos. Uma vez que não tenham o conhecimento de conceitos como juros, investimentos, taxas entre outros termos relacionados a conhecimento financeiro, não conseguem avaliar uma compra nem analisar o melhor investimento para seus recursos, isso abre possibilidades para campanhas de marketing agir e influenciarem a favor do consumo de seus produtos (Braunstein & Welch, 2002).

O setor de marketing estuda e explora os valores e desejos das pessoas há bastante tempo com o objetivo de entender o processo de decisão de compra (Vitt, 2004). A tecnologia tem um papel muito importante e cada vez maior no rastreamento das atitudes e dos comportamentos das pessoas. De uma ampla base de dados, as características dos indivíduos são combinadas com os produtos oferecidos, isso pode promover a competição e a melhora dos produtos oferecidos no mercado, porém, seu uso indevido pode ser ferramenta efetiva para atingir consumidores vulneráveis e

despreparados, levando-os a comprar produtos que não precisam ou que não são indicados para suas necessidades. (Braunstein & Welch, 2002).

O consumo excessivo aliado à dificuldade de tomada de decisões de consumo positivas implica muitas vezes no endividamento dos indivíduos que comprometem uma parcela significativa de suas rendas e, em muitos casos tornam-se inadimplentes. Para Jacob, Hudson e Bush (2000), o aumento do crédito facilitado somado à extrema pressão de táticas de marketing de companhias de cartões de crédito pode ser bastante perigoso e prejudicial para famílias que antes não tinham acesso a crédito e que não possuem conhecimento financeiro suficiente para o uso correto do produto. Lusardi e Mitchel (2013) defendem que níveis mais elevados de conhecimento financeiro estão associados a comportamentos financeiros mais desejáveis, colaborando para o bem-estar financeiro com menor nível de endividamento.

O uso do cartão de crédito pode causar uma falsa impressão dos gastos aos indivíduos, já que esses não sentem o pagamento no bolso e a fatura chega após alguns dias ou semanas. Na pesquisa de Block-Lieb e Janger (2006) é afirmado que, com o pagamento realizado com dinheiro, a percepção do limite de poder de compra é tangível, ao contrário do cartão de crédito. A pesquisa de Soman (2001) suporta a afirmação de que as pessoas que utilizam cartão de crédito gastam mais do que as pessoas que não o utilizam, isso pode ser explicado pela falta de memória dos usuários das compras realizadas e do montante de crédito utilizado.

A educação financeira pessoal deve ser tratada como um investimento em longo prazo e é possível observar seus efeitos sob duas perspectivas: primeiro, sobre o prisma da sociedade, sujeitos capacitados financeiramente poderão contribuir para a economia mais ativamente e evitar sérias consequências sociais (Jacob, Hudson & Bush, 2000); segundo, pela visão do próprio indivíduo, uma vez que as atitudes e comportamentos em relação ao dinheiro definem a gestão e bem-estar financeiro, resultando ainda no seu bem-estar em decorrência do aumento da sua autoconfiança nas decisões financeiras (Vitt, 2004).

1.1.3. Finanças comportamentais

Após os indivíduos se instruírem financeiramente as decisões de consumo deveriam ser mais prudentes, porém segundo Vitt (2004) e Braunstein e Welch (2002) essa esperança muitas vezes não é confirmada pela evidência. Esse comportamento é explorado pelas Finanças Comportamentais que tenta explicar a escolha pelas alternativas financeiras não otimizadas. É importante a contribuição dessa área de estudo para a compreensão do processo de tomada de escolha de consumo, investimento, planejamento e poupança. Sabendo como e o que influencia nesse processo pode-se analisar os pontos-chaves a serem explorados quando analisada a educação financeira dos

indivíduos, uma vez que o nível educacional financeiro não é limitado pelo conhecimento de conceitos financeiros, mas sim em conjunto com o comportamento no dia a dia (OECD, 2015).

O campo de estudo de Finanças Comportamentais foi desenvolvido a partir da Teoria de Utilidade Esperada (TUE), é um conceito bastante utilizado para explicar variações no mercado de capitais, mas para esse estudo abordaremos essas teorias na dimensão das decisões financeiras dos indivíduos.

A TUE, segundo Fama (1969), explica que os agentes econômicos tomam suas decisões em questões puramente racionais com o objetivo de maximizar a sua utilidade, assim, os mercados são eficientes e os preços dos ativos financeiros refletem o conjunto de informações relevantes e disponíveis. Porém, outros autores defendem que alguns fenômenos financeiros podem ser melhores entendidos quando não se consideram os agentes totalmente racionais, por exemplo, quando ocorrem as bolhas especulativas no mercado financeiro (Thaler & Barberis, 2002).

Kahneman e Tversky (1979) são autores considerados precursores das Finanças Comportamentais, seus estudos incluíram um questionário com diversas perguntas hipotéticas, em que o entrevistado escolheria uma das alternativas que representasse suas atitudes. Chegaram a resultados que a TUE não explicava.

O questionário foi apresentado a dois grupos com pequenas alterações nas perguntas. A um grupo foi apresentada a seguinte questão:

1. Além de tudo o que possui, você recebeu \$ 1 mil. Você deve, então, escolher entre:

- a) um ganho certo de \$ 500;
- b) uma probabilidade de 50% de ganhar mais \$ 1 mil e 50% de probabilidade de não ganhar nada.

A outro grupo foi apresentado outro problema:

2. Além de tudo o que possui, você recebeu \$ 2 mil. Você deve, então, escolher entre:

- a) uma perda certa de \$ 500;
- b) uma probabilidade de 50% de perder \$ 1 mil e 50% de probabilidade de não perder nada.

Em questão de variação total de quantidade não há diferença entre os dois problemas, mas o comportamento dos entrevistados mostrou uma discrepância de resposta. Do grupo de entrevistados que respondeu a primeira pergunta, 84% respondeu a letra a e do grupo que respondeu a segunda pergunta, 69% respondeu a letra b. No primeiro caso, diante de uma possibilidade de perder, os indivíduos mostraram aversão ao risco. Já o segundo grupo, diante da perda, assumiu risco para não

perder nada e mostrou aversão à perda. Esse comportamento é explicado pela Teoria do Prospecto, na qual o indivíduo tem aversão ao risco para os ganhos, mas é propenso ao risco em situações de perda, é um dos efeitos do elemento comportamental, que provoca vieses no processo decisório estabelecido na TUE (Kanehman & Tversky, 1979). Rogers, Securato e Ribeiro (2007) replicaram a pesquisa de Kanehman e Tversky (1979) na realidade brasileira e encontraram evidências para suportar as contestações dos autores precursores.

Shefrin (2010) elaborou um estudo resgatando trabalhos de diversos autores sobre Finanças Comportamentais e concluiu que existe uma ampla gama de visões sobre a teoria. Alguns trabalhos tratam o assunto como uma coleção de anomalias da TUE, já outros estudos tratam a teoria como completa, que possui modelos sistemáticos, forte estrutura, hipóteses testáveis e estudos empíricos, assumindo credibilidade. O autor define pontos fortes e fracos para a TUE e para Finanças Comportamentais. A TUE define como ponto forte a estrutura sistemática e rigorosa na qual a teoria se apoia e apresenta como ponto fraco a confiança de que as decisões são puramente racionais. Para Finanças Comportamentais o ponto forte é o aproveitamento das descobertas da psicologia para entender os desvios do comportamento totalmente racional e o ponto fraco é a confiança em uma coleção de modelos que não possuem consistência mútua e estrutura unificadora.

Bazerman (2004) cita três categorias definidas por Thaler (2000) que afetam a escolha racional: racionalidade restringida (incapacidade de ser totalmente racional), força de vontade restringida (tendemos a dar mais importância ao presente que ao futuro, isso explica não poupar para a aposentadoria) e interesse próprio restringido (nos importamos com a imagem passada a sociedade).

Na prática, indivíduos julgam e tomam decisões baseados em eventos passados, valores pessoais e preferências, além disso, estabelecem atalhos ou heurísticas que podem encurtar o tempo de escolha, esses são alguns dos fatores que influenciam no processo de decisões não otimizadas e são chamados de vieses (Baker & Ricciardi, 2014).

Bazerman (2004) define heurística como um modo simples de tratar um mundo complexo, ou seja, é um mecanismo facilitador de tomada de decisão, porém quando é utilizado de maneira inconsciente pode ser falho e sujeito a vieses. O autor compilou três principais heurísticas: disponibilidade, representatividade e ancoragem e ajuste. A heurística de disponibilidade refere-se à facilidade do indivíduo lembrar-se dos acontecimentos passados e assim, avaliar a frequência, probabilidade e eventos prováveis com base nos acontecimentos disponíveis na memória. A heurística da representatividade tende ao julgamento do indivíduo conforme o grupo em que está inserido infere-se que a característica avaliada observada no grupo seja igual à do indivíduo. A

heurística de ancoragem e ajuste é representada pela avaliação a partir de um valor base (âncora) e então se faz diversos ajustes até a decisão final.

Segundo Hammond, Keeney e Raiffa (2004) e Bazerman (2004) as decisões financeiras são influenciadas por vieses cognitivos e emocionais e podem ser relacionados como:

- a. ancoragem - ação de atribuir peso desproporcional à primeira informação recebida;
- b. status quo - ainda que haja melhores opções mantém-se inerte;
- c. custo irrecuperável - perpetuar erros cometidos no passado;
- d. lembrança - atribui maior peso aos eventos recentes;
- e. formulação - o problema é elaborado erroneamente;
- f. excesso de confiança - superestimar as próprias projeções ou de terceiros;
- g. prudência - excesso de cautela;
- h. evidência confirmadora - procurar dados que confirmem a própria tese e recusar os dados que a refutam.

Baker e Ricciardi (2014) expressam que uma forma de evitar vieses nas decisões é estar ciente delas, assim o indivíduo tem consciência do seu comportamento e pode tomar decisões mais racionais. Os autores definem viés cognitivo como tendências de pensar de certa maneira que podem levar a desvios do comportamento padrão de racionalidade ou bom senso, já os vieses emocionais definem como decisões tomadas com base em emoções no lugar de fatos.

Outro fator que pode causar desvios numa tomada de decisão é a racionalização da escolha. Segundo Vitt (2004), ficar indeciso é causador de estresse, ou seja, até o indivíduo se posicionar ele experimentará algum nível de desconforto, porém, nem sempre a sensação incômoda termina com a tomada de decisão. O término do desconforto depende do indivíduo estar satisfeito com a sua escolha. Se o indivíduo escolher algo que não o deixe satisfeito o desconforto continuará e, como as pessoas não querem se sentir desconfortável, a mente tende a encontrar saídas para o desconforto, neste caso, a racionalização das escolhas.

A racionalização das escolhas é o processo de oferecer argumentos racionalizados para explicar e justificar suas escolhas e comportamentos de tomada de decisão. Isso permite: 1) dar ao próprio indivíduo e aos que o rodeia permissão para tomar uma decisão; ou 2) defender ou explicar uma escolha que o indivíduo já escolheu. Isso significa encontrar razões para justificar a sua escolha de compra, assim, alcançará a satisfação e acabará com o desconforto (Vitt, 2004).

A linha de estudo das Finanças Comportamentais busca complementar o entendimento sobre a decisão do consumo e reconhece que os objetivos podem ser racionais, porém o comportamento da decisão é influenciado por fatores emocionais. Segundo Vitt (2004), as decisões financeiras são influenciadas por valores psicológicos, físicos e sociais, muitos desses valores substituem a cautela

de restrições financeiras como, por exemplo, o ato de surpreender um membro da família com um presente que não estava previsto no orçamento.

O autor define valores como:

“Valores são critérios ou princípios que usamos para avaliar e determinar comportamentos, características ou objetivos que consideramos como desejáveis. Nós os usamos como guia para definir prioridades, para determinar trade-offs, definir preferências e para tomar ou não decisões”. (Vitt, 2004, p.71)

O processo de socialização é formador dos valores, o desenvolvemos aprendendo com nossas famílias, de experiências pessoais e sociais e é resultado de necessidades psicológicas, espirituais e de demandas da sociedade (Vitt, 2004).

Anunciantes estudam há muito tempo a formação de decisões dos consumidores, e sabem que, toda decisão inclusive a decisão de se educar financeiramente, é alimentada por desejos. Isso é verdade para todos, independentemente do conhecimento geral ou nível de educação sem compreender o que desperta seus desejos, e, no que os consumidores baseiam suas decisões, os esforços em ajudá-los tendem a serem ineficazes (Vitt, 2004).

Além de conhecer o que os indivíduos desejam, o fator temporal tem grande peso na decisão de escolha. Os autores Cohen, Laibson, Loewenstein e McClure (2004) realizaram testes com ressonância magnética para analisar o comportamento frente a diversas opções de recompensa. Descobriram que as pessoas tendem a serem mais reativas do que proativas e que se comportam de modo impaciente hoje e, preferem ou planejam agir pacientemente no futuro.

Para Vitt (2004), muitas pessoas não têm nenhum desejo em se educar financeiramente do modo que é preciso nos dias de hoje, isso se deve ao desgosto e medo por pensarem que são incapazes ou que não terão sucesso em enfrentar seus assuntos financeiros, assim, preferem focar-se nas atividades e interesses que eles valorizam e se sentem mais confortáveis.

Embora possa ser difícil mudar as atitudes das pessoas em curto prazo, é imprescindível conhecê-las para que programas de educação financeira possam ser elaborados sem ignorar o comportamento das pessoas. Iniciativas educacionais que tentam mostrar as pessoas como economizar em longo prazo pode ter pouco impacto em pessoas com atitudes de curto prazo, a menos que essas sejam ajudadas a atender suas necessidades imediatas (Braunstein & Welch, 2002; OECD, 2016; Vitt, 2004). Braunstein e Welch (2002) acreditam que os estudos das Finanças Comportamentais podem contribuir para desenvolver políticas e programas de educação financeira mais efetivos para resultar em uma verdadeira mudança de comportamento financeiro.

1.2. Nível de educação financeira no Brasil e no Mundo

O estudo *S&P Ratings Services Global Financial Literacy Survey* publicado em 2015 pela *Global Financial Literacy Excellence Center* (GFLEC) pesquisou a situação da educação financeira no Brasil e os resultados não foram positivos. A pesquisa analisou o conhecimento dos entrevistados nas áreas de diversificação de risco, inflação, habilidades matemáticas e juros compostos. O estudo mostra que países mais desenvolvidos como Canadá, França, Alemanha, Itália, Japão, Reino Unido e EUA possuem maior porcentagem de adultos financeiramente letrados e a diferença para os países emergentes (Brasil, China, Índia, Rússia e África do Sul) é muito significativa. Na classificação geral da pesquisa realizada com mais de 140 países o Brasil ficou em 74º lugar, o resultado na pesquisa foi de que somente 35% dos adultos brasileiros são financeiramente letrados.

A OECD promoveu a pesquisa *Programme for International Student Assessment* (PISA) também em 2015. A pesquisa é trienal, porém, os resultados de 2018 só serão publicados em dezembro de 2019. Participaram dessa investigação dez países e economias da OECD e cinco países parceiros, entre eles o Brasil. A pesquisa tem como objetivo testar estudantes de 15 anos nas temáticas de leitura, matemática e ciência, além disso, um dos assuntos abordados é a educação financeira.

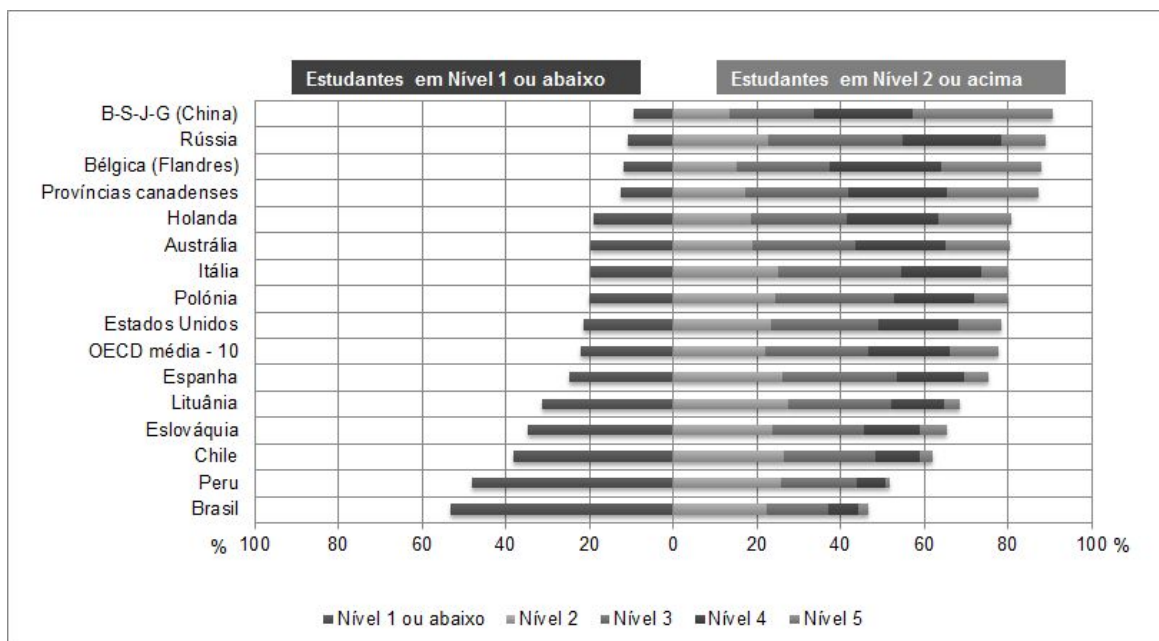


Figura 1. Porcentagem de estudantes em cada nível de proficiência em educação financeira.

Fonte: Adaptado de OECD (2017, p.77).

O Brasil foi o participante com a pior pontuação geral entre todos os países e economias participantes. Na pesquisa foram definidos níveis de 1 a 5 para classificar o conhecimento sobre educação financeira. Mais da metade (53%) dos estudantes do Brasil analisados foram classificados como nível 1 e, somente 2,6% dos estudantes brasileiros atingiram nível 5, o mais alto da escala. Os cinco primeiros lugares que obtiveram a maior pontuação média respectivamente foram: China, Bélgica, Canadá, Rússia e Amsterdam (Figura 1).

A OECD, em 2016, publicou o estudo *Internacional Survey of Adult Financial Literacy Competences*, essa pesquisa analisa a educação financeira dos adultos. Trinta países participaram e foram analisados três aspectos: conhecimento financeiro, comportamento e atitudes. Esse estudo mostrou que em média, apenas 56% dos adultos dos países participantes atingiram uma pontuação de pelo menos 5, considerada a meta mínima na escala de 0 a 7, sobre conhecimento financeiro, indicando a falta de saber na área. Dos 30 países participantes, o Brasil ficou com pontuação de 4,3, a média geral de todos os países participantes foi de 4,6. A área de conhecimento que pareceu ser mais problemática foi a composição de juros e diversificação de risco em investimentos.

Quanto ao comportamento financeiro, em uma escala de 0 a 9, apenas 51% dos respondentes alcançaram a pontuação mínima de 6. O Brasil alcançou a média de 4,6, enquanto a média geral dos países foi de 5,4. As áreas que se destacaram negativamente do comportamento financeiro foram: orçamento, planejamento, escolha de produtos e uso independente de informações.

Já em relação à atitude perante o tempo, 50% dos entrevistados atingiram a meta mínima (3 pontos) que mostra tendência de favorecer o planejamento em longo prazo. O Brasil atingiu a média de 3,1 contra 3,3 da média de todos os países numa escala de 0 a 5. Isso mostra a tendência de visão em curto prazo.

Na classificação geral o Brasil ficou na 27ª posição entre 30 países participantes, à frente somente da Croácia, Bielorrússia e Polônia. A pesquisa evidencia a falta de conhecimento do povo brasileiro em gerir o dinheiro.

Em 2017, o mesmo órgão publicou *G20/OECD INFE Report On Adult Financial Literacy In G20 Countries* que analisou o nível de educação entre os países integrantes do G20. Nesse estudo, o Brasil atingiu a 13ª posição com a pontuação de 12,1 contra 12,7 da média de todos os países participantes, em uma escala definida de 0 a 21. Em ambas as pesquisas realizadas pela OECD a França ficou na primeira posição e países como, Noruega e Canadá obtiveram respectivamente a segunda e terceira posição.

Na pesquisa de Saito, Savoia e Petroni (2006) foram levantadas as principais ações desenvolvidas no campo de educação financeira por órgãos governamentais, instituições e organizações. Os autores concluíram na época que o assunto era tratado de forma incipiente em comparação a outros países como Estados Unidos e Reino Unido. O resultado, segundo os pesquisadores, deu-se pela falta da inclusão de disciplinas associadas à educação financeira na grade curricular pelo Ministério da Educação (MEC) e pela falta de organizações que promovam o conhecimento financeiro. Os autores ainda criticaram os programas de educação financeira existentes, por estes não promoverem a cultura de poupança da população e de ser pouco abordada pelos cursos. Em 2010, foi criada a Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF), o que mudou a forma como o tema era tratado até então. Por isso, foi realizado um novo levantamento das ações e instituições relacionadas à educação financeira:

Tabela 1. A Educação Financeira no Brasil.

Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF)
<p>A Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF) foi criada em 2010 e instituída como política de Estado de caráter permanente com o objetivo de contribuir, fornecer e apoiar ações que ajudem a população a tomar decisões financeiras conscientes e com maior nível de autonomia. São disponibilizados diversos materiais sobre educação financeira no <i>site</i> www.vidaedinheiro.gov.br. A organização possui material de ensino sobre o tema para todos os anos do ensino fundamental e médio, além disso, fornece de forma gratuita material direcionador para profissionais propagarem o conhecimento sobre o tema para diferentes perfis de cidadãos.</p> <p>A organização realiza mapeamento nacional de iniciativas de educação financeira. No primeiro mapeamento realizado, em 2013, foi identificado 803 ações, já no segundo mapeamento, em 2018, foram contabilizadas 1.300 iniciativas de educação financeira por todo o Brasil.</p> <p>A estratégia foi criada através da junção de órgãos, entidades governamentais e organizações da sociedade civil, que juntos integram o Comitê Nacional de Educação Financeira (CONEF). O comitê é composto principalmente por: Banco Central do Brasil (BACEN), Comissão de Valores Mobiliários (CVM), Superintendência Nacional de Previdência Complementar (PREVIC), Superintendência de Seguros Privados (SUSEP), Federação Brasileira de Bancos (FEBRABAN), BM&F BOVESPA, Confederação Nacional das Seguradoras (CNseg) e Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais (ANBIMA) (ENEF, 2019).</p>
Base Nacional Comum Curricular (BNCC)
<p>Em 2017 foi homologada pelo MEC a inclusão da educação financeira na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). A BNCC é um documento norteador para as escolas formarem seus currículos escolares, logo, esse foi um passo muito importante para ampliar a propagação da educação financeira no país. As escolas têm o prazo de incluírem em seus currículos o assunto até 2019 (ENEF, 2019).</p> <p>O tema será tratado de forma transversal, ou seja, será abordado em diferentes disciplinas, por exemplo, em português o aluno pode ser capacitado para ler e compreender, com autonomia, faturas, boletos e cobranças em geral. Na disciplina de matemática a colocação da BNCC é:</p> <p>“Outro aspecto a ser considerado nessa unidade temática [matemática] é o estudo de conceitos básicos de economia e finanças, visando à educação financeira dos alunos. Assim, podem ser discutidos assuntos como taxas de juros, inflação, aplicações financeiras (rentabilidade e liquidez de um investimento) e impostos. Essa unidade temática favorece um estudo interdisciplinar envolvendo as dimensões culturais, sociais, políticas e</p>

psicológicas, além da econômica, sobre as questões do consumo, trabalho e dinheiro.” (BNCC, 2018, p. 267)

Semana Nacional de Educação Financeira

A ENEF promove a Semana Nacional de Educação Financeira que tem por objetivo propagar ações de educação financeira no país. O evento caminha para a sexta edição e conta com palestras, cursos, oficinas, campanhas e orientações financeiras realizadas de forma presencial, em diferentes lugares do país e *online* (ENEF, 2019).

Banco do Brasil (BACEN)

O Banco do Brasil como órgão constituinte do CONEF divulgou, em 2013, o termo cidadania financeira e define-o como: “o exercício de direitos e deveres que permite ao cidadão gerenciar bem seus recursos financeiros”. A organização juntou-se a instituições privadas e de governo para promover o Plano para Fortalecimento da Cidadania Financeira, que tem como objetivo desenvolver o cidadão financeiro que é sustentado por quatro categorias, designadamente, inclusão financeira, educação financeira, proteção ao consumidor de serviços financeiros e participação em canais para debater sobre o funcionamento do sistema financeiro. No *site* da instituição são divulgados relatórios sobre a cidadania financeira brasileira e disponibilizados cursos e treinamentos sobre gestão de finanças pessoais (BACEN, 2019).

Federação Brasileira de Bancos (FEBRABAN)

A FEBRABAN é uma instituição que tem a iniciativa do *site* www.meubolsoemdia.com.br, nele é disponibilizado matérias sobre controle e planejamento financeiro, além de oferecer ferramentas como: planilhas para controle de gastos, calculadora de combustíveis, aplicativos educacionais e simuladores para alcançar objetivos (Meu bolso em dia, 2019).

Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiros e de Capitais (ANBIMA)

A ANBIMA disponibiliza informações sobre investimentos no *site* Como Investir, estimulando a formação de novos investidores (Como Investir, 2019).

Comissão de Valores Mobiliários (CVM)

A Comissão de Valores Mobiliários (CVM) possui no seu Portal do Investidor diversas informações e curso *e-learning* de educação financeira, além disso, lançou em novembro de 2018, a Rede de Ciências Comportamentais e Proteção do Investidor (RC²PI). A RC²PI é uma plataforma de pesquisa com finalidade de cooperação e divulgação de estudos sobre educação financeira e proteção do investidor. As linhas de pesquisa do projeto são: análise do comportamento do investidor, práticas econômicas e culturais no mercado de valores mobiliários, processos de ensino e aprendizagem do investidor e *design* da informação e arquitetura de escolhas. O projeto lançou uma ação logo que foi criado, constituía em mandar via *Whatsapp* mensagens sobre organização financeira, poupança e investimento. A ação nomeada "Precisamos Falar sobre dinheiro" teve duração de três meses e enviou áudio e mensagens a todos que se cadastraram (Portal do Investidor, 2019).

Em janeiro de 2019 foi divulgada a parceria entre *Global Financial Literacy Excellence Center* (GFLEC) e a Comissão de Valores Mobiliários (CVM) que propõe a colaboração de ambas as partes para ampliar o campo de estudo de educação financeira. Entre as ações firmadas estão a co-participação em eventos acadêmicos, desenvolvimento de programas de educação financeira e compartilhamento de conhecimentos entre as instituições (CVM, 2019).

Instituições Financeiras

Instituições privadas como bancos (Itaú, 2019 & Bradesco, 2019) e avaliadores de crédito (Serasa, 2019) possuem materiais para consumo de produtos financeiros de forma consciente e programas para endividados, porém, em menor escala comparados aos programas apresentados anteriormente.

Fonte: Elaboração própria.

Países desenvolvidos estão mais avançados no quesito educação financeira, pois perceberam antes que os países em desenvolvimento a importância do assunto, principalmente na contribuição para a preparação previdenciária do indivíduo e criaram primeiro programas de educação financeira e, em algumas localidades, incluíram o assunto na grade curricular escolar (Klapper, Lusardi & van Oudheusden, 2015). No Brasil houve uma mudança significativa em 2010 com a criação da ENEF que concentrou esforços com diversas instituições e órgãos para educar financeiramente a população brasileira, porém ainda não foi traduzido nas pesquisas, como foi o caso apresentado na PISA 2015. A inclusão da educação financeira no currículo escolar homologada em 2017 pode contribuir significativamente para mudanças no bem-estar financeiro da população em longo prazo, estudos futuros podem focar na averiguação da efetividade da abordagem desse assunto dentro da sala de aula.

2. Metodologia

O presente trabalho é de carácter quantitativo, cujo objetivo foi verificar se há relação entre o conhecimento financeiro dos estudantes da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) e a sua aplicabilidade no dia a dia. Para isso, mensurou-se o conhecimento financeiro dos estudantes e se conseguem traduzir em comportamento financeiro saudável e qual sua atitude frente ao dinheiro e planejamento para o futuro, ou seja, analisando a combinação dessas variáveis verificou-se o nível de educação financeira dos estudantes conforme definido pela OECD (2016).

Esta pesquisa caracteriza-se por ser quantitativa, transversal e analítica. Segundo Creswell (2010), um estudo quantitativo caracteriza-se por testar teorias objetivas, avaliando a relação entre as variáveis medidas através do instrumento de pesquisa. A pesquisa pode ser considerada transversal, pois os dados foram recolhidos num mesmo período de tempo (Creswell, 2010). O estudo analítico averiguou os resultados obtidos sobre o nível de educação financeira dos estudantes da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) e comparou com os dados divulgados pela OECD no âmbito nacional.

A forma de amostragem utilizada foi não-probabilística selecionada por conveniência. Esse tipo de amostragem representa maior facilidade operacional e baixo custo, porém tem como consequência a impossibilidade de inferir que as informações extraídas da amostra sejam estatisticamente válidas para a população (Creswell, 2010).

Na fase de coleta de dados o questionário foi disponibilizado via *e-mail* e redes sociais utilizados pelos estudantes, e os mesmos tinham a oportunidade de indicar a pesquisa para sua rede de amigos adotando a característica de bola de neve. O instrumento de pesquisa foi disponibilizado durante o período 17 de abril de 2019 até 30 de abril de 2019, neste período de tempo foram reunidas 913 respostas válidas.

2.1. Objeto de estudo e hipóteses de pesquisa

A pergunta que essa pesquisa se propõe responder refere-se ao comportamento e atitudes financeiros dos estudantes da UTFPR e se é condizente com o conhecimento financeiro já adquirido pelos entrevistados.

Para responder o problema de pesquisa foram elaborados cinco objetivos específicos.

O primeiro objetivo foi calcular o conhecimento, comportamento, atitude e nível de educação financeira segundo a metodologia da OECD e compará-los tendo em consideração os fatores sociodemográficos dos estudantes. Para esse objetivo foi elaborada a hipótese: H_1 - Os fatores sociodemográficos são diferenciadores no desempenho em conhecimento, comportamento, atitude e educação financeira.

O segundo objetivo tem como finalidade confirmar se há correlação entre a educação financeira e as variáveis que a compõe. Para tal foi elaborada a hipótese: H_2 - “A educação financeira está correlacionada com conhecimento, comportamento e atitude financeira”.

O terceiro objetivo é alinhado a autopercepção dos estudantes sobre suas finanças pessoais. Para esse objetivo foi elaborada a hipótese: H_3 - “A autopercepção financeira dos estudantes é realista”. Essa hipótese de pesquisa busca responder se a percepção dos estudantes frente ao conhecimento financeiro que possuem é condizente com a pontuação obtida em conhecimento e educação financeira segundo a metodologia da OECD.

O quarto objetivo, refere-se ao comportamento dos indivíduos no dia a dia relacionados a controle financeiro, poupança e processo de tomada de decisão. Para esse objetivo foi elaborada a hipótese: H_4 - “O nível de educação financeira é maior entre os estudantes que possuem plano de contingência financeiro”. Essa hipótese avalia possíveis diferenças de educação financeira entre aqueles que são preparados ou não para eventuais despesas imprevistas.

O quinto objetivo avalia a atitude dos estudantes sobre o dinheiro e planejamento para o futuro. Para alcançar esse objetivo foi elaborada a hipótese: H_5 - “Educação financeira é maior entre os estudantes que possuem plano de aposentadoria” para avaliar o preparo dos estudantes frente à previdência”.

O sexto objetivo explora se a universidade tem papel significativo na ampliação de conhecimentos financeiros dos estudantes, para isso foi elaborada a hipótese: H_6 - “O nível de educação financeira é maior entre os estudantes que afirmaram que a universidade contribuiu para desenvolver seu conhecimento financeiro”.

2.2. População vs. Amostra

A população objeto de estudo são todos os estudantes da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Tal população foi escolhida, pois a autora é estudante da instituição o que facilita na coleta de dados. A instituição oferece cursos em quatro níveis: ensino técnico integrado ao ensino médio, bacharelado, tecnólogo, licenciatura, MBA, mestrado e doutorado. Para fins dessa pesquisa foram selecionados os estudantes matriculados em bacharelado, licenciatura e tecnólogo por apresentarem características mais semelhantes por serem as modalidades possíveis após o término do ensino médio, também nesse estágio da vida é esperado os primeiros contatos dos estudantes com gestão de dinheiro e responsabilidades financeiras, por isso esse estudo concentra-se e busca compreender a educação financeira dessa população.

A universidade comporta 30.254 estudantes matriculados regularmente distribuídos em 13 câmpus dentro do estado do Paraná. Para o cálculo da amostra foi utilizado o *site Sample Size Calculator* adotando um nível de confiança de 95% e erro amostral de 5%, com isso foi concluído uma amostra mínima de 379 indivíduos, porém foram coletadas 913 respostas válidas para a análise.

2.3. Instrumento de pesquisa

O questionário aplicado no estudo foi baseado na pesquisa *Internacional Survey of Adult Financial Literacy Competencies* (2016) realizado pela OECD, a versão traduzida do instrumento de pesquisa foi disponibilizada pelo Banco Central no documento Série: Cidadania Financeira (2017). O questionário foi adaptado para ser mais sucinto, porém todas as questões utilizadas para compor o nível de educação financeira foram mantidas. A plataforma do *Google Forms* foi usada para a criação e disponibilização das perguntas para os estudantes, o *link* do questionário foi enviado por *email* e redes sociais aos alunos da instituição.

O questionário possui 35 perguntas: a primeira pergunta visa filtrar somente estudantes da UTFPR; de 2 a 24 são perguntas para caracterizar a amostra com variáveis sociodemográficas (idade, sexo, nível de ensino, curso, câmpus, período, situação profissional, renda familiar, componentes do grupo familiar, estado civil, filhos); as demais caracterizam auto-percepção, conhecimento, atitude e comportamento financeiro dos entrevistados. O questionário completo pode ser visualizado no Apêndice I.

2.4. Análise dos dados

A metodologia utilizada para compor o indicador de nível de educação financeira foi a mesma da elaborada pela OECD, a qual, foi disponibilizada no documento *Guide to Creating Financial Literacy Scores and Financial Inclusion Indicators* (2016). A composição final do nível de educação financeira é realizada com a soma de três variáveis avaliadas no questionário: conhecimento financeiro, comportamento financeiro e atitude financeira.

Conhecimento financeiro avalia diferentes aspectos de conhecimento considerado útil no processo de tomada de decisões financeiras individuais. A capacidade de compreensão de conceitos financeiros é mensurada em uma escala de 0 a 7. A variável é calculada realizando a soma das respostas corretas, a Tabela 2 mostra com mais detalhes como é composto o cálculo e no Apêndice I é possível verificar o questionário utilizado na sua totalidade.

Tabela 2. Metodologia OECD para o cálculo da variável conhecimento financeiro.

Questões (Nomenclatura Toolkit OECD)	Assunto	Pontuação
20 (QK3)	Valor do dinheiro no tempo	1 ponto para a resposta correta (letra b), 0 para as demais opções
21 (QK4)	Juros de empréstimos	1 ponto para a resposta correta (letra a), 0 para as demais opções
22 (QK5)	Juros	1 ponto para a resposta correta (letra c), 0 para as demais opções
23 (QK6)	Juros Compostos	1 ponto para a resposta correta (letra a) se o entrevistado também tenha acertado QK5, 0 para as demais opções
19.1 (QK7_1)	Risco e retorno	1 ponto para a resposta correta (verdadeiro), 0 para as demais opções
19.2 (QK7_2)	Inflação	1 ponto para a resposta correta (falso), 0 para as demais opções
19.3 (QK7_3)	Diversificação de risco	1 ponto para a resposta correta (verdadeiro), 0 para as demais opções

Fonte: Adaptado de OECD/INFE Toolkit For Measuring Financial Literacy And Financial Inclusion 2015.

Na Tabela 3 é apresentada a atribuição de pontuação para a variável comportamento financeiro. A análise do comportamento financeiro avalia as práticas financeiras tomadas no cotidiano como planejamento, poupança e consumo em uma escala de 0 a 9.

Tabela 3. Metodologia OECD para o cálculo da variável comportamento financeiro.

Questões (Nomenclatura Toolkit OECD)	Assunto	Pontuação
8 (QF1) e 9 (QF2)	Responsável pelas decisões financeira e orçamento	1 ponto para quem possui orçamento doméstico (letra a, 9) e se foram marcadas opções a, b ou c em 8, 0 para as demais opções
13 (QF3)	Poupança	1 ponto para qualquer tipo de poupança real (13.3, 13.4, 13.5, 13.6), 0 para deixar dinheiro em casa ou na conta corrente do banco, pois não é considerado poupança real (13.1, 13.2) e para quem não guarda dinheiro (13.7).
6.8(QF10_1)	Compra planejada	1 ponto para os respondentes que selecionaram 1 ou 2 na escala (concordo), 0 para as demais opções
6.5 (QF10_4)	Pagamento em dia	1 ponto para os respondentes que selecionaram 1 ou 2 na escala (concordo), 0 para as demais opções
6.6 (QF10_6)	Controle financeiro	1 ponto para os respondentes que selecionaram 1 ou 2 na escala (concordo), 0 para as demais opções
6.11 (QF10_7)	Metas	1 ponto para os respondentes que selecionaram 1 ou 2 na escala (concordo), 0 para as demais opções
Essa variável é composta por duas variáveis intermediárias:		
1) Questão 17 (Qprod2) - Refere-se a comparação de produtos: 1 ponto para as opções: "Analisei as opções de diferentes empresas" ou "Pesquisei, mas não havia outras opções" ou "Nunca utilizei um produto financeiro". 0 para as demais opções.		
2) Questão 18 (Qprod3) - Refere-se ao tipo de ajuda ou conselho que utilizou:		
- 2 pontos se escolheu alguma das opções: "Fontes especialistas" ou "Consultor financeiro independente", ou		
17 (Qprod2) e 18(Qprod3)	Escolha de produtos	- 1 ponto se escolheu alguma das seguintes opções: "Anúncios ou folhetos", "Amigos, família ou conhecidos", "Suporte bancário", "Outra informação".
A variável final é relativa a fonte de informação utilizada para a escolha do produto financeiro. É pontuada da seguinte forma:		
- 2 se Qprod3 = 2. Isso indica que o consumidor usou informações ou conselhos independentes		
- 1 se Qprod2 = 1 ou Qprod3 = 1. Indica alguma tentativa pelos consumidores de tomar decisões informadas, ou		
- 0 caso não se enquadrem nas opções acima. O valor 0 significa "Nunca fez uso de produtos financeiros e não tentou se informar para consumir produtos financeiros".		

A pontuação busca identificar os respondentes que conseguem cobrir as despesas sem realizar empréstimos.		
11 (QF12)	Empréstimos para cobrir despesas	- 0 para os respondentes que selecionaram Sim para qualquer uma das seguintes afirmações: 11.4, 11.5, 11.6, 11.7, 11.9, 11.10, 11.13, 11.14, 11.5. 1 ponto para as demais opções, incluindo aos que se recusaram responder.

Fonte: Adaptado de OECD/INFE Toolkit For Measuring Financial Literacy And Financial Inclusion 2015.

Para a composição da variável atitude financeira foram utilizadas afirmações que pretendem indicar se o entrevistado se concentra exclusivamente no curto prazo (concorda) ou se tem preferência por segurança em longo prazo (discorda), a Tabela 4 sintetiza o cálculo. O resultado se enquadra em uma escala de 0 a 5.

Tabela 4. Metodologia OECD para o cálculo da variável atitude financeira.

Questões (Nomenclatura Toolkit OECD)	Assunto	Pontuação
6.1 (QF10_3)	Imediatismo	Soma da escala likert invertida (1-Concordo totalmente a 5-Discordo totalmente) das três afirmativas dividido por 3.
6.9 (QF10_2)		
6.12 (QF10_8)		

Fonte: Adaptado de OECD/INFE Toolkit For Measuring Financial Literacy And Financial Inclusion 2015.

O nível de educação financeira é considerado em uma escala de 0 a 21. No estudo realizado pela OECD, o nível geral do Brasil alcançou a pontuação de 12,1 em que foi utilizada uma amostra estratificada para alcançar diferentes perfis brasileiros quando considerado os fatores socioeconômicos. No estudo da UTFPR esperam-se níveis mais altos de educação financeira uma vez que, se trata de uma amostra constituída integralmente por indivíduos com nível acadêmico superior.

Os dados foram tratados no *software Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS 25.0). Inicialmente foi realizado um estudo descritivo em que foi caracterizada a amostra através do cálculo de frequências absolutas e relativas para variáveis qualitativas (nominais e ordinais). Em seguida, é apresentado o estudo descritivo para a autopercepção das finanças pessoais, conhecimento, comportamento, atitude e educação financeira. Além do cálculo das frequências para as variáveis qualitativas também são apresentadas as medidas de tendência central (mediana e média) e de dispersão (mínimo, máximo e desvio padrão) para variáveis quantitativas e ordinais.

Posteriormente, realizou-se o estudo analítico que envolveu em primeira fase o estudo da correlação entre educação financeira e conhecimento, comportamento e atitude financeira. Para esse

efeito, foi utilizado o teste de correlação de Spearman, pois quando testada a normalidade dos dados com recurso do teste Kolmogorov-Smirnov verificou-se que o pressuposto de normalidade foi violado. O coeficiente de correlação de Spearman (r_s) varia de -1 (correlação inversa perfeita) a 1 (correlação direta perfeita). A correlação inversa implica que à medida que uma variável aumenta a outra diminui, enquanto que na correlação direta as duas variáveis aumentam ou diminuem juntas. Valores de coeficiente próximos de 0 indicam a correlação é fraca, enquanto que a correlação próximo de 1 indica correlação forte. (Patrício, Loreiro & Caramelo, 2017).

Para identificar quais os fatores sociodemográficos diferenciadores de educação financeira, conhecimento, comportamento e atitude financeira utilizaram-se *Mann-Whitney* (comparação de medianas em duas amostras independentes) e teste de *Kruskal-Wallis* (comparação de mediana em mais de duas amostras independentes). Esses testes não-paramétricos foram utilizados uma vez que quando testadas os pressupostos dos testes paramétricos, designadamente, a normalidade dos dados e homogeneidade de variâncias com recurso aos testes Kolmogorov-Smirnov com correção de Lilliefors e teste de Levene verificou-se que pelo menos um dos pressupostos foi violado.

Para a execução do estudo analítico foi utilizado um grau de confiança ($1 - \alpha$) de 99% a que corresponde um nível de significância (α) de 1%. A regra de decisão estatística é rejeitar a hipótese nula quando *p-value* (valor de prova ou probabilidade de significância) é inferior ao nível de significância (Maroco, 2018).

3. Apresentação e Análise dos Resultados

Os dados levantados pelo instrumento de pesquisa foram tratados e codificados para a determinação de indicadores e extração de informações que deram suporte para a análise e para a validação ou não das hipóteses levantadas nesse trabalho. Inicialmente serão apresentadas as análises descritivas e, em seguida, as análises estatísticas.

3.1. Estudo descritivo

No estudo descritivo inicialmente será caracterizada a amostra para delimitar a amostra estudada, em seguida será apresentado os resultados das respostas das principais perguntas do questionário separadas em: autopercepção financeira, conhecimento financeiro, comportamento financeiro, atitude financeira e por fim educação financeira.

3.1.1. Caracterização da amostra

Foram coletadas 913 respostas válidas da amostra de estudantes da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. A Tabela 5 apresenta que 43,8% dos respondentes são do sexo feminino e 56,2% do sexo masculino. A maioria dos entrevistados está incluída na faixa de 18 a 25 anos (79,2%) condizente com o público esperado em estar matriculado no ensino superior.

Dentro da amostra o atributo “estudante trabalhador” está presente em 47,7% dos estudantes, em que 10,5% se enquadram em profissional autônomo/conta própria/profissional liberal, e 14,5% são funcionários de empresa privada, 2,9% são funcionários públicos e 19,8% são estudantes realizando estágio profissional. Pessoas desempregadas representam 19% da amostra, a parcela restante corresponde aos estudantes que não estão trabalhando nem procurando emprego (33,3%), tal parcela pode se justificar pelo fato do público alvo selecionado ser estudantes universitários. Porém, quando

verificada a taxa de resposta para a pergunta: Possui alguma fonte de renda?, observa-se que 67,6% dos entrevistados responderam que possuem fonte de renda, essa divergência de resultados poderá se justificar pelo fato de muitos estudantes receberem bolsas acadêmicas ou dinheiro concedido pelos pais, além dos estudantes que já exercem alguma atividade profissional.

A maioria dos respondentes se encaixa na faixa salarial de R\$ 998,01 a R\$ 2.994,00 (36%), seguido pela faixa acima de R\$ 6.986,01 (21,9%) e pela faixa de R\$ 2.994,01 a R\$ 4.990,00 (20,4%). A maior parte (86,2%) dos respondentes possuem até 4 pessoas integrantes do grupo familiar. Quando questionado o estado civil dos alunos, 86,7% declararam que são solteiros e 93,4% da amostra não possuem filhos (Tabela 5).

O câmpus Curitiba foi o que mais participou da pesquisa e representa 49% dos entrevistados (Tabela 5). Os estudantes matriculados em cursos de ciências exatas são a maioria da amostra, representando 86,2% do total dos respondentes. O período do curso com mais participação foi o 1º período (15,9%) seguido pelo 3º período (13%) e pelo 5º período (12,9%).

Quando questionado a percepção dos estudantes frente ao papel da universidade no desenvolvimento de conhecimentos financeiros, 66,7% dos entrevistados não percebem a instituição acadêmica como origem de seus conhecimentos financeiros (Tabela 5).

Tabela 5. Caracterização da amostra

Variáveis	Categorias	n	%
Sexo (n = 913)	Feminino	400	43,8
	Masculino	513	56,2
Idade (n = 913)	< 17	23	2,5
	18 - 21	402	44
	22 - 25	321	35,2
	26 - 29	102	11,2
	> 30	65	7,1
Câmpus (n = 902)	Apucarana	3	0,3
	Campo Mourão	9	1
	Cornélio Procópio	72	8
	Curitiba	442	49
	Dois Vizinhos	29	3,2
	Francisco Beltrão	29	3,2
	Guarapuava	44	4,9
	Londrina	14	1,6
	Medianeira	57	6,3
	Pato Branco	67	7,4
	Ponta Grossa	85	9,4
	Santa Helena	10	1,1

	Toledo	41	4,5
Área de estudo (n = 913)	Ciências biológicas	52	5,7
	Ciências exatas	787	86,2
	Ciências humanas	74	8,1
Período (n = 913)	1º	145	15,9
	2º	98	10,7
	3º	119	13
	4º	86	9,4
	5º	118	12,9
	6º	89	9,7
	7º	86	9,4
	8º	87	9,5
	9º	27	3
	10º	58	6,4
Situação Profissional (n = 909)	Autônomo/Conta própria/Profissional Liberal	95	10,5
	Desempregado	173	19
	Estagiário	180	19,8
	Funcionário de empresa privada	132	14,5
	Não estou trabalhando, nem procurando emprego	303	33,3
	Servidor público	26	2,9
Possui fonte de renda? (n = 910)	Sim	615	67,6
	Não	295	32,4
Renda Familiar (n = 909)	Abaixo de R\$ 998,00	79	8,7
	Entre R\$ 998,01 a R\$ 2.994,00	325	36,0
	Entre R\$ 2.994,01 a R\$ 4.990,00	184	20,4
	Entre R\$ 4.990,01 a R\$ 6.986,00	118	13,1
	Acima de R\$ 6.986,01	198	21,9
Número de componentes do grupo familiar (n = 902)	1	97	10,8
	2	170	18,8
	3	233	25,8
	4	278	30,8
	> 5	124	13,7
Estado Civil (n = 909)	Solteiro(a)	788	86,7
	Não solteiro(a)	121	13,3
Filhos (n = 902)	Sim	49	5,4
	Não	853	93,4
Universidade contribuiu para desenvolver conhecimento financeiro (n = 913)	Sim	304	33,3
	Não	609	66,7

Fonte: Elaboração própria.

3.1.2. Autopercepção das finanças pessoais

Na Tabela 6 estão concentradas as perguntas referentes à autopercepção dos estudantes quando o assunto é finanças individuais. A questão 2 explora a autopercepção dos estudantes frente ao seu conhecimento sobre finanças pessoais, na Tabela 6 é possível observar que a média encontrada foi de 3,5 (DP=0,915) indicando que a amostra considera de Regular a Bom o seu grau de educação financeira. Resultado semelhante foi encontrado na questão 3 referente a forma como o entrevistado acredita que lida com as finanças pessoais, 3,4 (DP=0,987) foi a média encontrada de resposta, avaliando assim, de neutra a positiva suas decisões financeiras. A questão 5 apresenta que o nível de stress dos estudantes no quesito financeiro é de Alto a Médio (2,9; DP=0,987).

O item 6.3 busca perceber a autopercepção dos entrevistados sobre administrar sozinho suas finanças pessoais, de modo geral, os entrevistados se sentem com alguma capacidade de conduzir suas finanças pessoais (3,8; DP=1,064). O item 6.6 declara “Eu mantenho a minha vida financeira sob controle”, nessa afirmação os alunos tiveram leve inclinação a concordarem com a afirmação (3,7; DP=1,031). O item 6.15 apresentou média de 2,6 (DP=1,208) e revelou a insatisfação dos estudantes com sua situação financeira atual (Tabela 6).

Tabela 6. Autopercepção de finanças pessoais (n = 913)

Questões	Média	Desvio Padrão
2. Como você avalia o seu conhecimento sobre finanças pessoais? (1 - Péssimo; 2 - Ruim; 3 - Regular; 4 - Bom; 5 - Ótimo)	3,5	0,915
3. Como você avalia a forma como lida com suas finanças? (1 - Péssima; 2 - Ruim; 3 - Regular; 4 - Bom; 5 - Ótima)	3,4	0,987
5. Como você classifica seu stress financeiro? (1 - Muito alto; 2 - Alto; 3 - Médio; 4 - Baixo; 5 - Muito baixo)	2,9	1,011
6.3. De modo geral, eu me sinto capaz de administrar sozinho as minhas finanças pessoais. (1 - Discordo totalmente; 2 - Discordo; 3 - Não discordo nem concordo; 4 - Concordo; 5 - Concordo totalmente)	3,8	1,064
6.6. Eu mantenho a minha vida financeira sob controle. (1 - Discordo totalmente; 2 - Discordo; 3 - Não discordo nem concordo; 4 - Concordo; 5 - Concordo totalmente)	3,7	1,031
6.15. Estou satisfeito com minha situação financeira atual. (1 - Discordo totalmente; 2 - Discordo; 3 - Não discordo nem concordo; 4 - Concordo; 5 - Concordo totalmente)	2,6	1,208

Fonte: Elaboração própria.

Importante ressaltar que todas as perguntas apresentaram desvio padrão significativos que indica uma variedade grande de resposta pelos entrevistados. No entanto, o resultado geral encontrado aponta que os estudantes possuem autopercepção financeira de neutra a positiva, mas as

médias são baixas o que pode indicar que os alunos reconhecem a sua falta de educação financeira ou que não possuem confiança nas suas capacidades.

3.1.3. Conhecimento financeiro

As questões sobre conhecimentos financeiros envolveram conhecimentos básicos e cálculos simples para resolução. A questão de juros compostos não pediu cálculos, o padrão de respostas foi: Mais do que X, Menos do que X e Exatamente X, ainda assim pode-se observar na Tabela 7 que a questão de juros compostos apresentou uma taxa de erro de 27,8%. Quando se analisa o desempenho geral, os estudantes obtiveram um bom resultado uma vez que tiveram taxa de acerto de 90,5% e na pesquisa realizada pela OECD a taxa geral de acerto obtida pelos entrevistados brasileiros foi de 63,1%.

Tabela 7. Conhecimento financeiro (n = 913).

Questão	Assunto	Acertos	Erros	% acertos	% erros
19.1	Risco e retorno	841	72	92,1	7,9
19.2	Inflação	880	33	96,4	3,6
19.3	Diversificação de risco	841	72	92,1	7,9
20	Valor do dinheiro no tempo	824	89	90,3	9,7
21	Juros de empréstimos	892	21	97,7	2,3
22	Juros	849	64	93,0	7,0
23	Juros Compostos	659	254	72,2	27,8

Fonte: Elaboração própria.

3.1.4. Comportamento financeiro

As questões sobre comportamento financeiro estão sintetizadas e divididas em duas tabelas. Na Tabela 8 são apresentadas estatísticas descritivas dos enunciados em que os alunos tiveram possibilidade de resposta em formato *Likert* de 1 - Discordo totalmente a 5 - Concordo totalmente. Já na Tabela 9 é exibido as frequências absolutas e relativas das demais perguntas qualitativas.

As questões 6.2, 6.4 e 6.8 apresentadas na Tabela 8 estão relacionadas ao impulso de consumo. Os resultados encontrados mostram um comportamento financeiro saudável pelos os estudantes, uma vez que, preferem comprar à vista a parcelado e pensam cuidadosamente sobre a compra e a capacidade de pagamento.

As afirmações 6.5, 6.6 e 6.14 abordam o assunto de controle financeiro. A média de 4,3 (DP=0,946) mostra que os estudantes concordam que mantém o pagamento das contas em dia e é condizente com a média de 1,9 (DP=1,116) encontrada na afirmação 6.14 que trata sobre o excesso

de dívidas. Quando analisada a afirmação 6.6 a média encontrada foi de 3,7 (DP=1,031) indicando um posicionamento neutro a positivo quando o tópico é manter a vida financeira sob controle (Tabela 8).

O item 6.10 aborda o posicionamento dos alunos frente ao risco e obteve como resposta um posicionamento neutro, ou seja, não discorda nem concorda da afirmação.

O tópico 6.11 busca avaliar o posicionamento dos estudantes frente à criação e dedicação para atingir metas. A média encontrada foi e exposta na Tabela 8 é de 3,4 (DP=1,189), o posicionamento neutro pode ser explicado por falta de planejamento, em que também consiste em estabelecer metas.

Por fim, a afirmação 6.13 avaliou o bem-estar financeiro dos estudantes e foi encontrada uma posição nem positiva nem negativa quanto à satisfação financeira (Tabela 8).

Tabela 8. Variáveis ordinais de comportamento financeiro (n = 913)

Questões	Média	Desvio Padrão
6.2. Prefiro comprar parcelado do que esperar ter dinheiro para comprar à vista.	2,3	1,219
6.4. Eu tenho uma tendência a comprar de forma espontânea e imediata, sem pensar muito.	2,3	1,218
6.5. Eu pago as minhas contas em dia.	4,3	0,946
6.6. Eu mantenho a minha vida financeira sob controle.	3,7	1,031
6.7. Eu converso sobre as decisões financeiras com outras pessoas da minha família (ex. cônjuge, irmãos, pais, filhos).	3,7	1,234
6.8. Antes de comprar algo, eu penso com cuidado se poderei pagar.	4,2	0,952
6.10. Estou preparado para arriscar uma parte do meu dinheiro quando poupo ou faço um investimento.	3,3	1,118
6.11. Eu estabeleço objetivos financeiros de longo prazo e busco atingi-los.	3,4	1,189
6.13. Minha situação financeira limita minha capacidade de fazer as coisas que são importantes para mim.	3,4	1,217
6.14. Eu tenho muitas dívidas atualmente.	1,9	1,116

Fonte: Elaboração própria.

As questões 6.7 e 7 se referem a influência da socialização no processo desenvolvedor de comportamentos financeiros. A questão 6.7 apresentada na Tabela 8 mostra um posicionamento neutro em discutir finanças com os familiares e a questão 7 exposta na Tabela 9 busca entender se há um comportamento sendo encorajado desde a infância, 55,3% declararam não possuir ninguém na família abaixo de 18 anos que tenham algum instrumento para incentivar a poupança.

Na Tabela 9 verifica-se que as perguntas 8, 9, 11 e 13 abordam controle financeiro através dos fatores: responsabilidade por decisões financeiras, orçamento doméstico, despesas, empréstimo e poupança. Na questão 8 referente ao responsável por tomadas de escolha financeira, 57,4% dos alunos participam do processo de decisões financeiras. A parcela de estudantes que realizam algum

orçamento familiar é representada por 60,2% dos entrevistados. Entre os alunos participantes da pesquisa, 40,2% tiveram problemas para cobrir as despesas nos últimos 12 meses e dentre esses, 80,5% recorreram a algum tipo de empréstimo para complementar os dispêndios. Na questão 13 é possível observar que 65,5% dos estudantes praticaram o hábito de poupar nos últimos 12 meses, resultado bastante positivo quando comparado com o encontrado pela OECD para o Brasil que foi 30%.

A questão 14 buscou avaliar o preparo dos estudantes contra situações emergenciais e imprevistas e 57,2% não estariam preparados para cobrir uma despesa do valor de um salário mensal sem pedir ajuda de terceiros (Tabela 9).

As questões 17 e 18 abordam o consumo de produtos financeiros (cartão de crédito, empréstimo pessoal, financiamentos, previdência privada, investimentos etc.) e como é desenvolvido o processo de tomada de decisão. Em conjunto, essas perguntas traduzem 3 perfis de consumidores. O primeiro perfil de consumidor é o dos estudantes que usaram informações ou conselhos independentes na escolha como, por exemplo, fontes especialistas em comparação de produtos ou consultor financeiro independente, e representou 33,5% dos alunos. O segundo perfil é dos estudantes que tiveram alguma tentativa de tomar decisões fundamentadas, mas utilizaram fontes de informação de menos confiabilidade como, por exemplo, recomendação de amigos e familiares, informação fornecida por suporte bancário ou anúncios e folhetos do produto escolhido. Esse perfil representa 45,9% dos alunos indicando certa fragilidade no processo de tomada de decisão sobre produto financeiro. Por último, temos o perfil de aluno que ainda não utilizou nenhum produto financeiro e não buscou informações sobre o consumo e representa 20,6% da amostra (Tabela 9).

Observa-se nas questões de comportamento financeiro que temos duas categorias de perguntas. Na Tabela 8 concentram-se perguntas para o aluno responder sua percepção sobre seu comportamento, em que a escala Likert é utilizada. Nessas perguntas verifica-se comportamento positivo dos alunos em relação a comportamento de compra e controle financeiro, porém o posicionamento é neutro frente a falar sobre finanças com familiares, risco de investimento, metas e satisfação financeira. Na Tabela 9 verifica-se que quando questionado diretamente se os estudantes possuem comportamentos financeiros saudáveis como participar das decisões financeiras, se tem orçamento doméstico, pouparam e pesquisam alternativas de produtos financeiros observamos que há espaço para melhora de comportamento, principalmente no preparo para situações emergenciais, pois o resultado encontrado indica que os estudantes não são resilientes financeiramente, logo são suscetíveis a choques financeiros face a imprevistos.

Tabela 9. Comportamento financeiro

Questões	Categorias	n	%
7. Na sua casa existem pessoas com menos de dezoito anos que possuem ou já possuíram um porquinho ou algo similar para fazer uma poupança? (n = 911)	Sim	407	44,7
	Não	504	55,3
8. Quem é o responsável pelas decisões financeiras na sua casa? (n = 913)	Eu / Eu e outra pessoa	524	57,4
	Outra pessoa	389	42,6
9. Você tem, um orçamento doméstico ou familiar, ou seja, há um orçamento que define quantias destinadas para despesas, pagamentos de contas e poupança? (n = 913)	Sim	550	60,2
	Não	363	39,8
10. Em relação às despesas, nos últimos 12 meses: (n = 550)	Conseguir pagar tudo em dia e ainda sobrou dinheiro.	329	59,8
	Em alguns meses percebi que as despesas foram maiores que meus rendimentos.	185	33,6
	Na maior parte dos meses, minhas despesas foram maiores que meus rendimentos.	36	6,5
11. Conseguiu cobrir as despesas sem recorrer a empréstimo? (n= 221)	Sim	43	19,5
	Não	178	80,5
13. Nos últimos 12 meses você, pessoalmente, guardou dinheiro de alguma forma? (n = 913)	Sim	598	65,5
	Não	315	34,5
14. Se surgisse uma despesa alta inesperada hoje, que fosse equivalente a todo o seu rendimento mensal, você teria condições de pagá-la sem pedir dinheiro emprestado ou sem a ajuda de amigos ou da família? (n = 908)	Sim	389	42,8
	Não	519	57,2
17. e 18. Refere-se a comparação de produtos e ao tipo de ajuda ou conselho que utilizou. (n = 913)	Usou informações ou conselhos independentes	306	33,5
	Teve alguma tentativa de tomar decisões informadas	419	45,9
	Nunca fez uso de produtos financeiros e nem buscou se informar para consumir produtos financeiros	188	20,6

Fonte: Elaboração própria.

3.1.5. Atitude financeira

As questões sobre atitude financeira têm como finalidade avaliar o posicionamento financeiro dos estudantes frente ao futuro. Observa-se que nos itens utilizados para calcular o nível de atitude financeira definido pela OECD (Figura 2) que a maioria dos respondentes discorda com as afirmações sobre imediatismo. A afirmação “Dinheiro existe para ser gasto” causou uma variação maior de resposta, mas ainda tem inclinação para Discordo. No geral, os estudantes da UTFPR apresentam uma atitude financeira satisfatória.

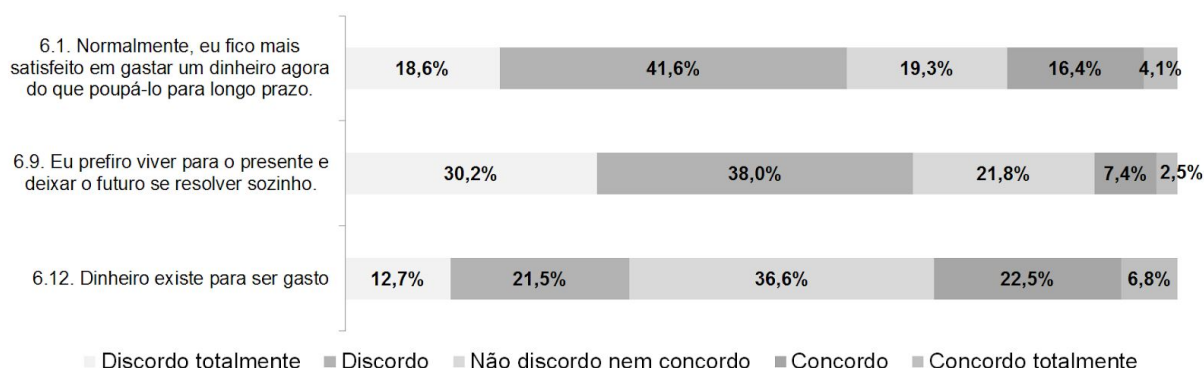


Figura 2. Atitude financeira.

Fonte: Elaboração própria.

Outras questões que compõem o questionário, mas que não foram utilizadas para o cálculo da variável correspondem ao planejamento para a aposentadoria.

A questão 15 questionou se os estudantes possuem algum tipo de plano previdenciário, 62,5% não contribuem para nenhum tipo de aposentadoria e entre os que possuem 17,9% tem investimentos de renda futura e 13,9% contribuem apenas com o INSS. A afirmação “Eu confio no meu planejamento da aposentadoria” apresentou uma tendência central de 2,57 (DP=1,276), representando insegurança por parte dos alunos sobre planejamento de previdência (Tabela 10).

Como as questões sobre aposentadoria podem estar ligadas diretamente com o fato dos estudantes possuírem ou não renda, essas variáveis foram cruzadas e apresentadas na Tabela 10. Dentre os alunos que possuem alguma renda 54,0% não contribuem para nenhum tipo de aposentadoria e 17,7% contribuem apenas com o INSS. Aproximadamente 50% discordam da afirmação “Eu confio no meu planejamento da aposentadoria”.

A porcentagem de pessoas que discordam (68,2%) da afirmação “Eu prefiro viver para o presente e deixar o futuro se resolver sozinho” não condiz com a porcentagem de pessoas que

possuem renda e não contribuem de nenhuma forma para a previdência (54%) uma vez que a previdência é um preparo para o futuro. Porém, é importante ressaltar que 27,9% dos alunos que possuem alguma renda buscam alternativa a aposentadoria governamental que pode ser justificado pelas discussões recentes no país sobre a reforma da previdência. Em geral, os estudantes apresentam insegurança sobre seus planos de aposentadoria.

Tabela 10. Planejamento para previdência.

Questão	Categorias	n	%	31. Possui renda? (n=910)	
				Sim (n=615)	Não (n=295)
6.16. Eu confio no meu planejamento da aposentadoria. (n=913, Média = 2,57, Desvio Padrão = 1,276)	Discordo totalmente	245	26,8	28,1%	24,1%
	Discordo	211	23,1	22,0%	25,1%
	Não discordo nem concordo	234	25,6	22,4%	32,5%
	Concordo	142	15,6	17,9%	10,8%
	Concordo totalmente	81	8,9	9,6%	7,5%
15. Você faz algum planejamento para a sua aposentadoria? (n=910)	Não, não faço nenhuma contribuição para minha aposentadoria.	569	62,5	54,0%	79,3%
	Sim, apenas contribuindo com o INSS	126	13,9	17,7%	5,8%
	Sim, faço investimentos financeiros para renda futura	163	17,9	21,1%	11,2%
	Sim, possuo um plano de previdência privada	52	5,7	6,8%	3,4%

Fonte: Elaboração própria.

3.1.6. Educação financeira

A educação financeira dos estudantes foi quantificada utilizando a metodologia da OECD que avalia questões referentes a conhecimento financeiro, comportamento financeiro e atitude financeira.

A pontuação considerada mínima para ser alcançada pela OECD em conhecimento financeiro é 5. Na Tabela 11, é possível visualizar que os estudantes da UTFPR tiveram um bom resultado atingindo a média de 6,3 (DP=0,997) em uma escala de 1 a 7, 855 alunos (n=913) atingiram a pontuação considerada mínima (Figura 3). Isso demonstra um desempenho positivo em assuntos relacionados a conceitos básicos de valor do dinheiro no tempo, risco e retorno, inflação e diversificação de risco e cálculos simples de juros e juros compostos.

A OECD estabelece que o score mínimo aceitável para comportamento financeiro é 6, a média obtida pelos alunos como se verifica na Tabela 11 foi de 5,6 (DP=1,859), 520 indivíduos da amostra (n=913) alcançaram a pontuação mínima (Figura 3). Esse resultado mostra espaço para

aprimoramento dos estudantes em comportamentos relacionados a orçamento doméstico, poupança, planejamento de compras, comparações de produtos, pagamento de contas e controle financeiro.

Tabela 11. Média de pontuação atingida em cada variável

Variável	Mínimo	Máximo	Média	Média mínima (OECD)	Desvio padrão
Conhecimento financeiro	1	7	6,3	5	0,997
Comportamento financeiro	0	9	5,6	6	1,859
Atitude financeira	1	5	3,5	3	0,823
Nível de educação financeira	5	21	15,5	15	2,698

Fonte: Elaboração própria.

A variável de atitude financeira teve média de 3,5 (DP=0,823), segundo a metodologia publicada pela OECD a média é satisfatória, já que a média considerada mínima é 3, 109 estudantes (n=913) não atingiram a pontuação mínima (Figura 3). A média encontrada demonstra um posicionamento neutro dos alunos em relação às atitudes financeiras como controle do dinheiro e planejamento para o futuro em longo prazo.

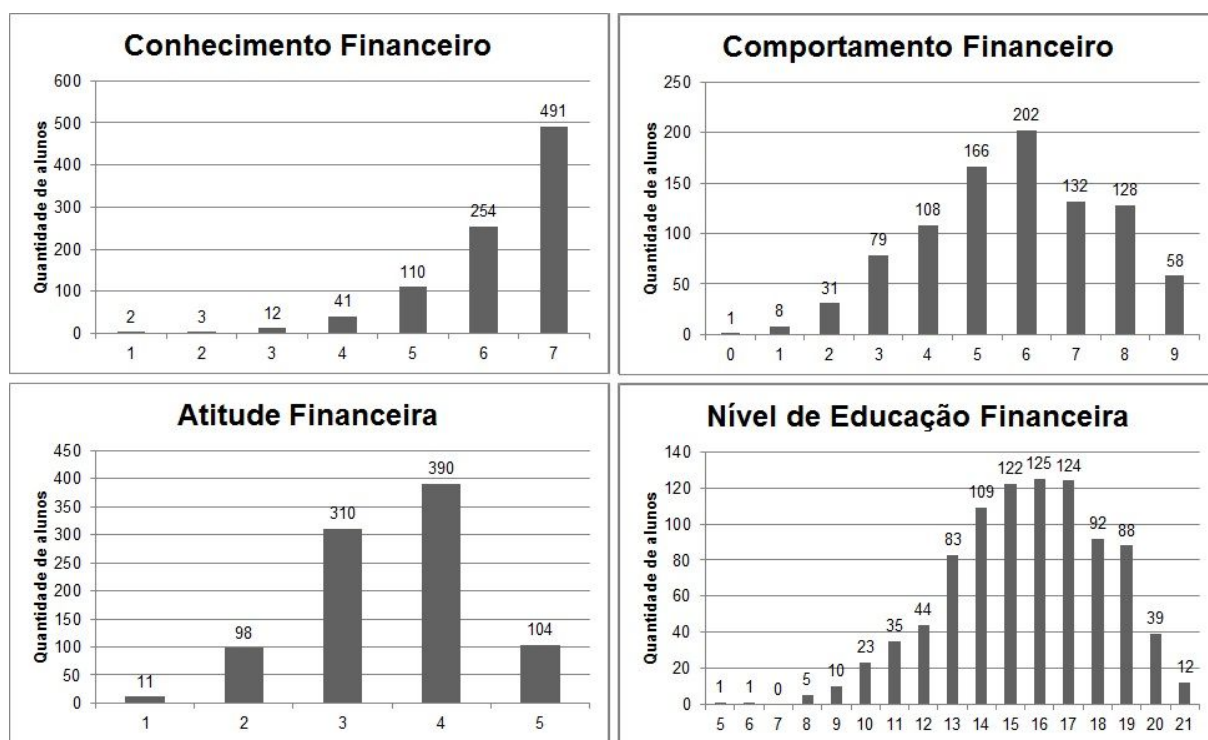


Figura 3. Distribuição de conhecimento, comportamento, atitude financeira e nível de educação financeira.

Fonte: Elaboração própria.

Os estudantes analisados da Universidade Tecnológica do Paraná tiveram desempenho satisfatório em educação financeira, a média obtida representou 73,9% da pontuação máxima. Visualiza-se que na Tabela 11 que a média encontrada foi 15,5 com desvio padrão de 2,698, exibindo uma grande variabilidade de nível de educação financeira entre os alunos. Os resultados encontrados na análise são superiores aos encontrados pela OECD, a pontuação obtida pelo Brasil na pesquisa foi 12,1 e o país com maior pontuação foi a França com 14,9, importante ressaltar que a pesquisa da OECD foi realizada com amostra estratificada com variáveis sociodemográficas, enquanto que neste trabalho foi realizado um estudo com indivíduos com nível de educação superior em totalidade. Outra informação importante a ser discutida é que a OECD estabelece 15 como a pontuação mínima a ser atingida em educação financeira. A média geral obtida pelos estudantes da UTFPR atinge a pontuação mínima, mas importante ressaltar que o nível de educação financeira é mensurado em uma escala de 0 a 21.

3.2. Estudo analítico

No estudo analítico realizou-se o estudo correlacional e comparativo a fim de testar as hipóteses de pesquisa elaboradas.

3.2.1. Estudo correlacional

A OECD estabelece educação financeira através da média do desempenho dos indivíduos em questões que abordam conhecimento, comportamento e atitude financeira.

Na Tabela 12, verifica-se que existe evidência suficiente (nível de confiança de 99%) para afirmar que há correlação entre educação financeira e as variáveis que a compõe ($p\text{-value} < 0,01$). Logo, confirma-se H_2 - “A educação financeira está correlacionada com conhecimento, comportamento e atitude financeira”.

Quanto a intensidade da correlação é importante ressaltar que educação financeira e conhecimento financeiro possui uma força de correlação moderada ($rô = 0,499$), o que indica que existem outras variáveis que explicam educação financeira. A correlação é de moderada a forte quando avaliamos educação financeira e atitude financeira frente ao futuro. A correlação mais forte é entre educação financeira e comportamento financeiro, possui $rô$ que é classificado como correlação muito forte.

Quando analisamos o $rô$ de Spearman se verifica que são correlações positivas, ou seja, as variáveis variam no mesmo sentido, crescem ou diminuem juntas (Patrício, Loreiro & Caramelo, 2017).

A correlação de conhecimento financeiro com comportamento e atitude é classificada como muito fraca e pode indicar que existem muitas outras variáveis que a explicam, isso vai de encontro com a própria definição da OECD de educação financeira que indica que o somente o conhecimento de conceitos financeiros não é suficiente para garantir o bem-estar financeiro dos indivíduos, mas sim em conjunto com a habilidade de aplicar o conhecimento no dia a dia, refletindo no seu comportamento e atitude, tal resultado também exalta a importância do campo de estudos de Finanças Comportamentais para investigar fatores decisivos de comportamento.

A correlação de comportamento financeiro e atitude financeira é moderada e demonstra que são diretamente relacionados.

Tabela 12. Correlação entre conhecimento, comportamento, atitude e educação financeira (n = 913).

		Nível de educação financeira	Conhecimento financeiro	Comportamento financeiro	Atitude financeira
Nível de educação financeira	<i>rô</i>	1,000			
	<i>p-value</i>				
Conhecimento financeiro	<i>rô</i>	0,499	1,000		
	<i>p-value</i>	*<0,001			
Comportamento financeiro	<i>rô</i>	0,890	0,191	1,000	
	<i>p-value</i>	*<0,001	*<0,001		
Atitude financeira	<i>rô</i>	0,601	0,101	0,404	1,000
	<i>p-value</i>	*<0,001	*0,002	*<0,001	

*. A correlação é significativa ao nível de significância de 0,01.

Fonte: Elaboração própria.

3.2.2. Estudo comparativo segundo fatores sociodemográficos

Inicialmente relacionaram-se os fatores sociodemográficas para estudar se existem características diferenciadoras nas variáveis financeiras de conhecimento, comportamento e atitude, e, em seguida no nível de educação financeira. A tabela sintetizando os resultados dos testes é apresentada no Apêndice II e serve como base para as análises abaixo.

Encontraram-se diferenças significativas entre as medianas de conhecimento financeiro tendo em consideração as variáveis: sexo, idade, câmpus, área de estudo, período e renda familiar (*p-value* < 0,01). A partir disso, é possível traçar um perfil dos que tiveram melhor desempenho nas questões referentes a conhecimento financeiro. Dentre os estudantes da UTFPR os públicos que atingiram de mediana a nota máxima (7) foram: alunos pertencentes ao sexo masculino, acima de 22 anos, do câmpus Campo Mourão, Cornélio Procópio, Curitiba, Guarapuava, Londrina e Toledo, estudante de curso de ciências exatas, dos períodos 3º, 5º e 7º ao 10º e com renda familiar acima de R\$ 2.994,01. Não existiram diferenças significativas para as variáveis: situação profissional, possui alguma renda,

número de componentes do grupo familiar, estado civil, filho e a variável que pergunta se a universidade contribuiu para desenvolver conhecimento financeiro (Apêndice II).

Quando se analisa a variável financeira de comportamento encontram-se diferenças significativas entre as medianas quando considerado os fatores: sexo, idade, área de estudo, período, situação profissional, possui renda e renda. O perfil de aluno que obteve desempenho superior em comportamento financeiro foi o público masculino (6), acima de 18 anos (6), alunos da área de ciências exatas (7), dos períodos 9º e 10º (7), servidor público (7), que possui fonte de renda (6), que não se enquadram na faixa de renda mensal de R\$ 998,01 a R\$ 2.994,00 (Apêndice II). Importante ressaltar que a escala de pontuação para comportamento é de 0 a 9.

As únicas variáveis que apresentaram diferenças significativas de medianas ($p\text{-value} < 0,01$) entre atitude financeira e que permitem delimitar um perfil foram: sexo e área de estudo. Os respondentes do sexo masculino, das áreas biológica e exatas obtiveram desempenho superior em atitude em um nível de confiança de 99% com mediana de 3,7 em uma escala que vai de 1 a 5 (Apêndice II).

Com base no Apêndice II é possível afirmar que o desempenho do público masculino foi superior ao feminino em todas as variáveis financeiras, o mesmo resultado foi encontrado pela OECD e, os estudantes que cursam ciências exatas também mostraram desempenho superior em todas as variáveis financeiras.

No Apêndice III está reunida a comparação de mediana, assumindo um nível de confiança de 99%, entre educação financeira com as variáveis sociodemográficas.

O perfil de aluno com melhor desempenho em educação financeira foi notado como do sexo masculino, na faixa de 26 a 29 anos (17) e, logo em seguida, na faixa acima de 30 anos (16,7), indicando que a parcela mais madura possui uma educação financeira mais elevada. O campus que apresentou melhor educação financeira foi o câmpus Cornélio Procópio (16,3) seguido pelo câmpus Curitiba (16). Como já era esperado os alunos da área de exatas (16) e dos períodos mais avançados do curso apresentaram melhor desempenho. Curiosamente os servidores públicos obtiveram desempenho superior. Os estudantes entrevistados que possuem renda e renda familiar superior a R\$ 2.994,01 obtiveram um nível maior de educação financeira. Os não solteiros apresentaram desempenho superior (16,7), isso pode ser explicado pela partilha de responsabilidades financeiras na vida em conjunto (Apêndice III).

Concluindo, pode-se afirmar que existem evidências estatísticas suficientes para corroborar a hipótese H_1 - Os fatores sociodemográficos são diferenciadores no desempenho em conhecimento, comportamento, atitude e educação financeira.

3.3.1. Validação das hipóteses

Na Tabela 13 estão reunidos os resultados dos testes estatísticos testam as demais hipóteses de pesquisa.

H₃: “A autopercepção financeira dos estudantes é realista”. Essa hipótese foi testada de duas formas. Primeiro, foi realizado o cruzamento da questão que pergunta ao aluno sua percepção de conhecimento financeiro (questão 2) com a pontuação obtida na variável conhecimento financeiro. Em segundo lugar foi avaliado a autopercepção dos estudantes frente a sua capacidade de gerir suas finanças pessoais (questão 6.3) com o nível de educação financeira. Essa diferenciação foi necessária uma vez que, a questão 2 questiona sobre o quanto o indivíduo tem de conhecimento sobre finanças pessoais e a questão 6.3 pergunta sobre a capacidade de gerir suas finanças pessoais, isto é, se consegue aplicar o que possui de conhecimento financeiro, e isso é parte do que a OECD define como educação financeira: “uma combinação de consciência, conhecimento, habilidade, atitude e comportamento necessários para tomar decisões financeiras sólidas e, finalmente, alcançar o bem-estar financeiro individual”. Em ambos os testes a hipótese foi corroborada, com isso é possível inferir que a autopercepção financeira dos estudantes é realista uma vez que apresentou desempenho condizente com suas respostas às perguntas tanto de conhecimento financeiro como de educação financeira, isto é, quem respondeu positivamente a autopercepção financeira atingiu pontuação maior do que aquelas que responderam negativamente.

H₄: “O nível de educação financeira é maior entre os estudantes que possuem plano de contingência financeiro”. Temos evidência estatística suficiente para não rejeitar a hipótese em um nível de confiança de 99%, logo, o nível de educação financeira é maior entre os estudantes que têm preparação para lidar com eventuais gastos de emergências sem precisar recorrer a empréstimos de família ou amigos. Isso pode demonstrar que o fato de haver um planejamento de contingência financeiro é uma consequência do aumento de nível educacional financeiro, porém tal pergunta não foi utilizada para desenvolver o nível de educação financeira e vale ressaltar que a maioria da amostra respondeu não estar preparada para esses eventuais gastos, podendo assim, ser considerada em futuras pesquisas a análise dessa pergunta na resolução do indicador.

H₅: “Educação financeira é maior entre os estudantes que possuem plano de aposentadoria”. A hipótese foi corroborada. O nível educacional financeiro é significativamente maior entre os estudantes que possuem investimentos de renda futura como planejamento previdenciário, tal resultado pode se explicar pelo fato de tais investimentos exigirem um conhecimento maior de conceitos financeiros. Curiosamente o nível de educação financeira é o mesmo quando não se possui nenhum plano de aposentadoria e quando só se depende do governo para ter uma renda futura após

encerrar sua atividade profissional. Isso pode ser explicado pelo fato de tais modalidades não exigir nenhum conhecimento financeiro. Vale ressaltar que a maioria da amostra não faz nenhum planejamento previdenciário enquanto que 67,6% declararam possuir alguma renda (Tabela 5) e, além disso, a porcentagem que contribui apenas com INSS é significativa e, é preciso considerar as discussões que estão acontecendo no país sobre reforma previdenciária.

H₆: “O nível de educação financeira é maior entre os estudantes que afirmaram que a universidade contribuiu para desenvolver seu conhecimento financeiro”. A hipótese foi rejeitada, logo, não foi possível encontrar evidências estatísticas suficientes que indiquem diferenças significativas de nível de educação financeira entre aqueles que afirmam ou negam que a faculdade contribuiu para desenvolver conhecimento financeiro. Porém, vale ressaltar que dois terços da amostra (Tabela 13) responderam que a universidade não contribuiu nesse quesito.

Tabela 13. Hipóteses de pesquisa.

Variáveis	Categorias	n	Mediana	p-value
H ₃ - Autopercepção sobre conhecimento financeiro (questão 2, n = 913)	Ótimo	100	7	*<0,001 ^b
	Bom	356	7	
	Regular	334	7	
	Ruim	100	6	
	Péssimo	23	5	
H ₃ - Autopercepção sobre capacidade de gerir sozinho suas finanças pessoais (questão 6.3, n = 913))	Concordo totalmente	231	17,3	*<0,001 ^b
	Concordo	411	16	
	Não discordo nem concordo	138	14	
	Discordo	97	13	
	Discordo totalmente	36	11,8	
H ₄ - Preparado para despesa inesperada? (questão 14, n = 908)	Sim	389	17	*<0,001
	Não	519	14,3	
H ₄ - Possui planejamento para aposentadoria? (questão 15, n = 910)	Sim, apenas contribuindo com o INSS	126	15	*<0,001 ^b
	Sim, possuo um plano de previdência privada	52	17	
	Sim, faço investimentos financeiros para renda futura	163	18,3	
	Não, não faço nenhuma contribuição para minha aposentadoria.	569	15	
H ₅ - Universidade contribuiu para desenvolver conhecimento financeiro (questão 4, n = 913)	Sim	304	15,3	0,183
	Não	609	16	

*Existem diferenças significativas ao nível de significância de 1%.^a Mann Whitney. ^b Kruskal Wallis

Fonte: Elaboração própria.

Considerações Finais

Educação financeira vai além do conhecimento de conceitos matemáticos, financeiros ou econômicos, é a capacidade de absorver esse conhecimento e traduzir em comportamento e atitude para tomar decisões financeiras fundamentadas e atingir bem-estar financeiro. Partindo dessa premissa, esse estudo teve como finalidade mensurar o conhecimento financeiro e observar se os estudantes da Universidade Tecnológica do Paraná conseguem utilizar esses conceitos em seu cotidiano.

Como instrumento de pesquisa foi utilizado um questionário que foi disponibilizado por conveniência aos estudantes e esses podiam encaminhar a pesquisa para seu círculo de amigos. Foram obtidas 913 respostas válidas de estudantes matriculados regularmente em bacharelado, licenciatura e tecnólogo.

Para mensurar as variáveis financeiras que compõem educação financeira foi replicada a metodologia desenvolvida pela OECD. Foi averiguado que o nível geral de educação financeira é maior do que de todos os países averiguados pela OECD, tal resultado pode se justificar pela diferença de amostra, uma vez que o recorte deste estudo é integralmente com pessoas do nível superior. No entanto, é preciso destacar que a pontuação considerada pela organização como mínima a ser atingida é 15 e a média obtida neste estudo foi pouco superior (média 15,5 com desvio padrão de 2,698).

Quando analisada as pontuações obtidas na metodologia pelas variáveis financeiras observa-se que existe espaço para melhora principalmente na variável comportamento financeiro. Quando comparada a média obtida na variável de comportamento financeiro com os resultados obtidos pela OECD verifica-se um comportamento inferior por parte dos estudantes ao obtido por muitos dos países que participaram da pesquisa, inclusive, a média geral é inferior à média estabelecida pela organização como mínima a ser atingida, o que demonstra uma necessidade de aumentar a capacidade de traduzir os conhecimentos financeiros em comportamentos financeiros mais saudáveis como: o ato de poupar, possuir orçamento doméstico, pagamento em dia e compras planejadas.

Quando observada a variável de atitude financeira se verifica que a média geral encontrada é pouco acima da estabelecida como mínima na metodologia utilizada. Demonstrando que os estudantes da amostra não tem uma grande tendência a pensar, planejar e agir para o futuro.

Verificou-se que há correlação significativa entre atitude e comportamento, apesar de não ser uma correlação considerada forte pode ser melhorada conforme aumente o comportamento financeiro.

Com a análise das hipóteses de pesquisas propostas verificamos que a H_1 foi corroborada, os fatores sociodemográficos foram diferenciadores do desempenho financeiros dos estudantes, logo foi possível estabelecer o perfil financeiro dos estudantes. O perfil financeiro dos estudantes foi identificado cruzando o nível de educação financeira com os fatores sociodemográficos, assim obteve-se que os estudantes com desempenho superior são alunos do sexo masculino, acima de 26 anos, dos câmpus Cornélio Procopio e Curitiba, alunos de ciências exatas que se encontram nos períodos mais avançados do curso, que não são solteiros, possuem renda familiar acima de R\$ 2.994,01 e são servidores públicos.

Foi identificado que existe correlação entre educação financeira e as variáveis que a compõe (H_2), porém quando apresentou correlação moderada entre educação financeira e conhecimento financeiro, indicando que existem outras variáveis que explicaria melhor educação financeira.

A H_3 sobre autopercepção financeira dos estudantes ser realista foi corroborada, considerando as variáveis de conhecimento financeiro e educação financeira. Ou seja, os estudantes têm consciência que possuem desempenho superior ou inferior frente às variáveis analisadas.

A informação extraída da H_4 é que os estudantes que são capazes de lidar com despesas imprevistas sem recorrer a empréstimos possuem educação financeira superior aqueles não preparados com gastos inesperados, porém a maioria da amostra demonstrou não possuir tal planejamento de contingência.

Quando analisada a H_5 sobre planejamento previdenciário dos estudantes se verificou que a hipótese foi corroborada e que a educação financeira é superior entre aqueles que possuem investimentos de renda futura ou possuem previdência privada, outra informação retirada desta análise é a porcentagem expressiva de estudantes sem nenhum planejamento de aposentadoria.

Os objetivos específicos propostos foram atingidos com exceção do objetivo referente a observar a participação da universidade, pois não foram encontradas diferenças significativas para a H_6 que se refere ao nível educacional financeiro entre os estudantes que afirmam ou negam que a universidade contribuiu para desenvolver seus conhecimentos na área objeto deste estudo.

Quando se verifica em conjunto: a baixa média obtida em comportamento financeiro e os resultados das hipóteses de pesquisa conclui-se que apesar do bom desempenho em conhecimentos financeiros os estudantes encontram dificuldade em transformar em comportamento e atitude do dia a dia.

A incapacidade de se realizar o processo de amostragem probabilística, ou seja, atribuir a mesma probabilidade para os indivíduos da população é uma limitação do estudo, assim como o fato de ser um estudo transversal, uma vez que esse tipo de estudo considera constante o comportamento das pessoas.

Outro fator limitador da pesquisa foi a falta de comparação com outros estudos. Não foi possível comparar diretamente os resultados da pesquisa da OECD pela diferença de população e amostra. E não foi possível estender o estudo realizado para os alunos de outra instituição de ensino por complicações na aplicação do questionário.

Sugere-se o desenvolvimento de programas de educação financeira voltados para o público feminino que apresentou desempenho inferior ao sexo masculino em todas as variáveis financeiras. Outra sugestão é a criação de cursos voltados para desenvolvimento de planos de previdência, pois cresce a cada dia a importância de possuir uma alternativa frente à aposentadoria concedida pelo governo justificada pelas discussões da reforma da previdência que estão ocorrendo no país.

As hipóteses H_4 e H_5 mostraram variáveis interessantes que podem ser incluídas na mensuração de educação financeira em estudos futuros por justamente avaliar se os indivíduos possuem na realidade comportamentos e atitudes saudáveis.

Referências

Altman, M. (2012). Implications of behavioural economics for financial literacy and public policy. *The Journal of Socio-Economics*. Volume 41, Issue 5, pp 677-690.

BACEN (2019). *Banco Central do Brasil*. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/>, acessado em: 07.02.2019.

Banco Central do Brasil (2017). *Série Cidadania Financeira: Estudos sobre educação, proteção e inclusão*. Banco Central do Brasil, 5ª ed, Brasília.

Bazerman, M. H. (2004). *Processo Decisório*. Rio de Janeiro: Elsevier.

Berger, P. L. & Luckmann, T. (1967). *The social construction of reality: a treatise in the sociology of knowledge*. London: A. Lane Penguin Press.

Beverly, S. G. & Burkhalter E. K. (2005). *Improving the Financial Literacy and Practices of Youths*. Children & Schools, Vol. 27. n. 2.

Block-Lieb, S. & Janger, E. J. (2006). The Myth of the Rational Borrower: Rationality, Behavioralism and the Misguined "Reform of Banckruptcy Law". *Texas Law Review*, v.84, n.6.

BNCC (2019). *Base Nacional Comum Curricular*. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>, acessado em: 07.02.2019.

Bodie, Z. (2006). A Note on Economic Principles and Financial Literacy. *Networks Financial Institute*. Indiana State University.

Bradesco (2019). *Banco Bradesco*. Disponível em: <https://banco.bradesco/>, acessado em 24.02.2019.

Braunstein, S. & Welch, C. (2002). Financial literacy: An overview od practice, research, and policy. *Federal Reserve Bulletin*, 445-457. Disponível em: <http://www.federalreserve.gov/pubs/bulletin/2002/1102lead.pdf>, Acessado em: 11.11.2018.

Campbell, J. Y. (2006). Household Finance. *The Journal of Finance*, v. 61, n. 4, 1553-1604.

Clark, R. L.; D'Ambrosio, M. B.; Mcdermed, A. A. & Sawant, K. (2006). Retirement plans and saving decisions: the role of information and education. *Journal of Pension Economics and Finance*, v. 5.

Cohen, J.; Laibson, D.; Loewenstein, G. & McClure, S. M. (2004). Separate Neural Systems Value Immediate and Delayed Monetary Rewards. *Science*, vol. 306, Issue 5695, pp. 503-507..

Como Investir (2019). Uma iniciativa ANBIMA. Disponível em: <https://comoinvestir.anbima.com.br/>, acessado em: 07.02.2019.

Creswell, J. W. (2010) *Projeto de Pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. 3 ed. Porto Alegre: Artmed/Bookman.

CVM (2019). *Comissão de Valores Mobiliários*. Disponível em: <http://www.cvm.gov.br/>, acessado em: 07.02.2019.

ENEF (2019). *Estratégia Nacional de Educação Financeira*. Disponível em: <http://www.vidaedinheiro.gov.br>, acessado em: 07.02.2019

Falahati, L. & Paim, L. (2011). A comparative study in Money Attitude among University Students: A Gendered View. *Journal of American Science*, 1144-1148.

Fama, E. F. (1969). Efficient capital markets. *The Journal of Finance*, v.25, n. 2.

Hill, M. M. & Hill, A. (2008) *Investigação por questionário*. Edições Sílabo, 2ª ed., Lisboa.

Itaú (2019). *Banco Itaú*. Disponível em: <https://www.itau.com.br/>, acessado em 24.02.2019.

Jacob, K., Hudson, S., & Bush M. (2000). *An Analysis of Financial Literacy Programs For Lower-Income Families*. Chicago: Woodstock Institute. Disponível em: <https://www.aecf.org/resources/tools-for-survival-an-analysis-of-financial-literacy-programs-for-lower-income/>, Acessado em: 10.11.2018.

Kahneman, D. & Tversky, A. (1979). *Prospect Theory: an Analysis of Decision under Risk*. *Econometrica*, v. 47, p. 263-291.

Keynes, J. M. (1936). *Teoria geral do emprego, do juro e do dinheiro*. São Paulo: Nova Cultural, 1983.

Klapper, L. F., Lusardi, A., & van Oudheusden, P. (2015). *Financial Literacy Around the World: Insights from the Standard & Poor's Ratings Services Global Financial Literacy Survey*. S&P International. GFLEC. Disponível em: https://gflec.org/wp-content/uploads/2015/11/3313-Finlit_Report_FINAL-5.11.16.pdf?x49160, acessado em 23.11.2018.

Kotler, P. & Keller, K. L. (2006). *Administração de Marketing*. Prentice-Hall, Person, 12ª edição.

Kotler, P., Kartajaya, H. & Setiawan, I. (2017). *Marketing 4.0: do tradicional ao digital*. Rio de Janeiro: Sextante.

Lucci, C., Zerrenner, S., Verrone, M., & Santos, S. (2006). *A Influência Da Educação Financeira Nas Decisões De Consumo E Investimento Dos Indivíduos*. Disponível em:

http://sistema.simead.com.br/9simead/resultado_simead/trabalhosPDF/266.pdf, acessado em: 24.11.2018.

Lusardi, A. & Mitchel, O. (2013). *The Economic Importance of Financial Literacy: Theory and Evidence*. NBER Working Paper Series. Disponível em: <https://www.nber.org/papers/w18952>, acessado em: 25.11.2018.

Lusardi, A. (2009). *The Importance of Financial Literacy*. NBER Reporter, Issue 2, 13- 16, 4p.

Mankiw, N. (2001). *Introdução à economia: princípios de micro e macroeconomia* (2nd ed., p. 543). Rio de Janeiro: Campus.

Mankiw, N. (2009). *Principles of microeconomics* (5th ed., p. 3). mason: South-Western Cengage Learning.

Maroco, J. (2018). *Análise Estatística com o SPSS statistics*, Pero Pinheiro: ReportNumber.

Meu Bolso em Dia (2019). *Meu Bolso em Dia: Uma iniciativa FEBRABAN*. Disponível em: <https://www.meubolsoemdia.com.br/>, acessado em: 07.02.2019.

Miranda, C. J. & Costa, C. M. (2013). Educação financeira e a determinação da taxa de poupança. *Revista de Gestão, Finanças e Contabilidade*. UNEB, Salvador, v. 3, n. 3, 57-74. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/financ/article/view/377>, acessado em 12.11.2018.

Moreira, C.; Casotti, L. & Campos R. (2018). Socialização do consumidor na vida adulta: desafios e caminhos para a pesquisa. *Cadernos EBAPE.BR*, 16(1), 119-134. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/1679-395157008>, acessado em: 10.01.2019.

Organisation for Economic Co-operation and Development - OECD (2016). *OECD/INFE International Survey of Adult Financial Literacy Competencies*, OECD, Paris. Disponível em: www.OECD.org/finance/OECD-INFE-International-Survey-of-Adult-Financial-Literacy-Competencies.pdf, acessado em: 22.11.2018.

Organisation for Economic Co-operation and Development - OECD (2017). *G20/OECD INFE report on adult financial literacy in G20 countries*. OECD Publishing, Paris. Disponível em: <http://www.oecd.org/daf/fin/financial-education/G20-OECD-INFE-report-adult-financial-literacy-in-G20-countries.pdf>, acessado em: 26.01.2019.

Organisation for Economic Co-operation and Development - OECD (2017). *PISA 2015 Results (Volume IV): Students' Financial Literacy*, PISA, OECD Publishing, Paris. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1787/9789264270282-en>, acessado em: 12.11.2018.

Organisation for Economic Co-operation and Development - OECD. (2005). *Improving Financial Literacy – Analysis of issues and policies*. Paris. Disponível em: <http://www.OECD.org/about/34711139.pdf>, acessado em: 13.11.2018.

Patrício, M., Loreiro, M. & Caramelo, F. (2017). *Bioestatística com SPSS, abordagem prática*. Plátano Editora. Lisboa, 1 ed.

Portal do Investidor (2019). *Portal do Investidor*. Uma iniciativa CVM. Disponível em: <http://www.investidor.gov.br/>, acessado em: 07.02.2019.

Ribeiro, M., Fernandes, A. & Diniz, F. (2017). Comportamento dos alunos de uma instituição de ensino superior da região de Bragança (Portugal) relativamente ao crédito. *Investigación En Ciencia Regional*, VIII(1), 61-76.

Rogers, P., Securato, J. R., & Ribeiro, K. C. S. (2007). Finanças comportamentais no Brasil: um estudo comparativo. *Revista de Economia e Administração*, 6(1), 49-68. Disponível em: <http://www.spell.org.br/documentos/ver/25896/financas-comportamentais-no-brasil--um-estudo-comparativo/i/pt-br>, acessado em 09.01.2019.

Saito, A. T., Savóia, J. R. F., & Petroni, L. M. (2006). A educação financeira no Brasil sob a ótica da Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico (OCDE). In *Administração no contexto internacional*. São Paulo: EAD/FEA/USP.

Samuelson, P. A. & Nordhaus, W. D. (1993). *Economia*. Portugal: McGraw Hill.

Semana ENEF (2019). *5ª Semana Nacional de Educação Financeira*. Disponível em: <http://www.semanaenef.gov.br/>, acessado em 07.02.2019.

Serasa (2019). *Serasa Consumidor*. Disponível em: <https://www.serasaconsumidor.com.br/>, acessado em: 07.02.2019.

Shefrin, H. (2010). *Behavioralizing finance*. Hanover: Now Pub, vol 4, pp 1–184.

Soman, D. (2001). Effects of Payment Mechanism on Spending Behavior: The Role of Rehearsal and Immediacy of Payments. *Journal of Consumer Research*, University of Chicago Press, v. 27, 460-474.

Thaler, R. & Barberis, N. (2002). *A Survey of Behavioral Finance*. Handbook of the Economics of Finance.

Vitt, Lois A. (2004). Consumer's Financial Decisions and the Psychology of Values. *Journal of Finance Service Professionals*.

Ward, S. (1974). Consumer socialization. *Journal of Consumer Research*, v. 1, n. 2, 1-14.

Apêndice I - Questionário da pesquisa

1. **É aluno da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR)?**
 - a. Sim b. Não (Alternativa b finaliza o questionário)
2. **Como você avalia o seu conhecimento sobre finanças pessoais?**
 - a. Ótimo b. Bom c. Regular d. Ruim e. Pessímo
3. **Como você avalia a forma como lida com suas finanças?**
 - a. Ótima b. Bom c. Regular d. Ruim e. Pessíma
4. **Na sua percepção a universidade contribuiu para desenvolver seu conhecimento financeiro?**
 - a. Sim b. Não
5. **Como você classifica seu stress financeiro?**
 - a. Muito alto b. Alto c. Médio d. Baixo e. Muito baixo
6. **Como se sente em relação a essas afirmações? (Responda: 1 - Discordo totalmente, 2 - Discordo, 3 - Nem discordo nem concordo, 4 - Concordo, 5 - Concordo Totalmente)**
 - 6.1. ____ Normalmente, eu fico mais satisfeito em gastar um dinheiro agora do que poupá-lo para longo prazo.
 - 6.2. ____ Prefiro comprar parcelado do que esperar ter dinheiro para comprar à vista.
 - 6.3. ____ De modo geral, eu me sinto capaz de administrar sozinho as minhas finanças pessoais.
 - 6.4. ____ Eu tenho uma tendência a comprar de forma espontânea e imediata, sem pensar muito.
 - 6.5. ____ Eu pago as minhas contas em dia.
 - 6.6. ____ Eu mantenho a minha vida financeira sob controle.
 - 6.7. ____ Eu converso sobre as decisões financeiras com outras pessoas da minha família (ex. cônjuge, irmãos, pais, filhos).
 - 6.8. ____ Antes de comprar algo, eu penso com cuidado se poderei pagar.
 - 6.9. ____ Eu prefiro viver para o presente e deixar o futuro se resolver sozinho.
 - 6.10. ____ Estou preparado para arriscar uma parte do meu dinheiro quando poupo ou faço um investimento.
 - 6.11. ____ Eu estabeleço objetivos financeiros de longo prazo e busco atingi-los.
 - 6.12. ____ Dinheiro existe para ser gasto.

6.13. ____ Minha situação financeira limita minha capacidade de fazer as coisas que são importantes para mim.

6.14. ____ Eu tenho muitas dívidas atualmente.

6.15. ____ Estou satisfeito com minha situação financeira atual.

6.16. ____ Eu confio no meu planejamento da aposentadoria.

7. Na sua casa existem pessoas com menos de dezoito anos que possuem ou já possuíram um porquinho ou algo similar para fazer uma poupança?

a. Sim b. Não

8. Quem é o responsável pelas decisões financeiras na sua casa?

a. Eu

b. Eu e meu cônjuge/companheiro(a)

c. Eu e outro membro da família (pai, mãe, irmãos)

d. Meu cônjuge/companheiro(a)

e. Pai ou mãe

f. Outra pessoa

9. Você tem, um orçamento doméstico ou familiar, ou seja, há um orçamento que define quantias destinadas para despesas, pagamentos de contas e poupança?

a. Sim b. Não

10. Em relação às despesas, nos últimos 12 meses:

a. Consegui pagar tudo em dia e ainda sobrou dinheiro.

b. Em alguns meses percebi que as despesas foram maiores que meus rendimentos.

c. Na maior parte dos meses, minhas despesas foram maiores que meus rendimentos.

11. Com relação às despesas indique em quais das situações você precisou recorrer nos últimos 12 meses (Responda: 1 - Sim ou 2 - Não):

11.1. ____ Tirei dinheiro da poupança

11.2. ____ Tentei ganhar mais dinheiro (ex. fazendo horas-extras, trabalhou mais)

11.3. ____ Tomei um empréstimo mais barato que a sua dívida

11.4. ____ Pedi dinheiro emprestado a amigos ou parentes

11.5. ____ Fiz um empréstimo pessoal em um banco ou financeira

11.6. ____ Usei o cheque especial

11.7. ____ Paguei o mínimo da fatura do cartão

11.8. ____ Cortei despesas

11.9. ____ Usei cartão de crédito para fazer saque ou pagar uma conta

11.10. ____ Peguei empréstimo com empregador/peguei salário adiantado

11.11. ____ Vendi/penhorei algum bem que tinha

- 11.12. ___ Resgatei dinheiro de algum investimento ou previdência
- 11.13. ___ Peguei dinheiro de um agiota
- 11.14. ___ Usei recursos fora dos limites autorizados no banco/emprego/cartão
- 11.15. ___ Atrasei ou Deixei de pagar algumas contas

12. Nos últimos 12 meses, você tem poupado alguma parte dos seus rendimentos?

- a. Sim b. Não

13. Nos últimos 12 meses você, pessoalmente, guardou dinheiro de alguma das seguintes formas (Responda: 1 - Sim ou 2 - Não):

- 13.1. ___ Guardei dinheiro em casa
- 13.2. ___ Deixei dinheiro na conta-corrente
- 13.3. ___ Guardei dinheiro em uma poupança
- 13.4. ___ Dei dinheiro para alguém da família guardar
- 13.5. ___ Apliquei em investimentos sem ser previdência privada
- 13.6. ___ Apliquei em um plano de previdência privada
- 13.7. ___ Não guardei dinheiro

14. Se surgisse uma despesa alta inesperada hoje, que fosse equivalente a todo o seu rendimento mensal, você teria condições de pagá-la sem pedir dinheiro emprestado ou sem a ajuda de amigos ou da família?

- a. Sim b. Não

15. Você faz algum planejamento para a sua aposentadoria?

- a. Sim, apenas contribuindo com o INSS
- b. Sim, possuo um plano de previdência privada
- c. Sim, faço investimentos financeiros para renda futura
- d. Não, não faço nenhuma contribuição para minha aposentadoria.

16. Já fez uso de qual/quais produtos financeiros citados abaixo?

- 16.1. ___ Cartão de crédito
- 16.2. ___ Cheque especial
- 16.3. ___ Crédito consignado
- 16.4. ___ Empréstimo pessoal
- 16.5. ___ Carnês de lojas
- 16.6. ___ Financiamento de carro
- 16.7. ___ Financiamento de casa
- 16.8. ___ Previdência Privada
- 16.9. ___ Conta Poupança
- 16.10. ___ Microcrédito

- 16.11. ___ Seguro
- 16.12. ___ Ações
- 16.13. ___ Cartão cash pré-pago sem ser ligado a conta corrente
- 16.14. ___ Investimento em cooperativa de crédito
- 16.15. ___ Título (exemplo: tesouro direto, LCA, LCI)
- 16.16. ___ Nunca utilizei produto financeiro

17. Pensando no produto financeiro mais recente que utilizou, qual, das seguintes alternativas melhor descreve como você escolheu o produto:

- a. Analisei informações de diferentes empresas antes de tomar minha decisão.
- b. Analisei várias opções de uma única empresa.
- c. Eu não analisei nenhuma outra opção.
- d. Pesquisei, mas não havia outras opções.
- e. Nunca utilizei produto financeiro.

18. Quais fontes de informação influenciaram na sua escolha de produto financeiro mais recente?

- 18.1. ___ Fontes especialistas em comparação de produtos ou orientação de melhor compra (por exemplo: revista ou site especializado em comparações de preço)
- 18.2. ___ Recomendação de um consultor financeiro independente
- 18.3. ___ Anúncio ou folheto sobre o produto escolhido
- 18.4. ___ Recomendação de amigos, família e conhecidos
- 18.5. ___ Informação fornecida por suporte bancário (pessoalmente, online ou por telefone)
- 18.6. ___ Outro tipo de informação
- 18.7. ___ Nunca usei nenhum produto financeiro

19. Responda verdadeiro ou falso sobre as seguintes afirmações (Responda: 1 - Verdadeiro ou 2 - Falso):

- 19.1. ___ É provável que um investimento de maior retorno tenha maior risco.
- 19.2. ___ Em um país onde a inflação é alta os preços não se alteram tanto com o tempo.
- 19.3. ___ Uma pessoa deve investir em diferentes alternativas a fim de reduzir riscos (ex. poupança, ações, imóveis etc.).

20. Imagine que 3 amigos ganham juntos R\$ 1.500 (mil e quinhentos reais) em uma loteria e dividem a quantia igualmente entre eles. Agora, imagine que um dos amigos tenha recebido o dinheiro e guardado no seu cofre em casa. Considerando que a inflação é de 5% ao ano, após um ano ele será capaz de comprar:

- a. Mais do que compraria hoje
- b. Menos do que compraria hoje

- c. A mesma quantidade do que compraria hoje
- 21. Suponhamos que você pegasse emprestado R\$ 100 de um amigo e após uma semana pagasse R\$ 100 (cem reais). Quanto de juros você está pagando?**
- a. 0% b. 1% c. 2%
- 22. Agora, suponhamos que você coloque R\$ 100 em uma poupança que rende 2% ao ano. Você não faz nenhum outro depósito nem retira nenhum dinheiro desta conta. Quanto você teria nesta conta ao final do primeiro ano, contando com os juros?**
- a. R\$ 98 b. R\$ 100 c. R\$ 102 d. R\$ 120
- 23. E qual seria o saldo daqui a cinco anos, se você também não fizer nenhum depósito ou saque no período?**
- a. Mais que R\$110 b. Exatamente R\$110 c. Menos que R\$110
- 24. Sexo:**
- a. Feminino b. Masculino
- 25. Idade:** _____
- 26. Nível de ensino:**
- a. Técnico
- b. Tecnólogo
- c. Graduação
- d. Licenciatura
- e. MBA
- f. Mestrado
- g. Doutorado
- 27. Curso:** _____
- 28. Campus UTFPR:** _____
- 29. Período:** _____
- 30. Situação profissional:**
- a. Autônomo/Conta própria/Profissional Liberal
- b. Funcionário de empresa privada
- c. Servidor público
- d. Estagiário
- e. Desempregado
- f. Não estou trabalhando, nem procurando emprego
- 31. Possui alguma fonte de renda?**
- a. Sim b. Não
- 32. Qual a sua renda familiar?**

- a. Abaixo de R\$ 998,00
- b. Entre R\$ 998,01 a R\$ 2.994,00
- c. Entre R\$ 2.994,01 a R\$ 4.990,00
- d. Entre R\$ 4.990,01 a R\$ 6.986,00
- e. Acima de R\$ 6.986,01

33. Quantas pessoas compõem o seu grupo familiar? _____

34. Qual o seu estado civil?

- a. Solteiro(a)
- b. União Estável
- c. Casado(a)
- d. Divorciado(a)
- e. Viúvo(a)

35. Tem filhos?

- a. Sim
- b. Não

Apêndice II - Variáveis financeiras segundo fatores sociodemográficos

Fatores	Categorias	n	Conhecimento Financeiro		Comportamento Financeiro		Atitude Financeira	
			Mediana	p-value	Mediana	p-value	Mediana	p-value
Sexo (n = 913)	Feminino	400	6	*0,000	5	*0,000	3,3	*0,003
	Masculino	513	7		6		3,7	
Idade (n = 913)	< 18	23	6	*0,001 ^b	5	*0,006 ^b	3,2	0,710 ^b
	18 - 21	402	6		6		3,7	
	22 - 25	321	7		6		3,7	
	26 - 29	102	7		6		3,7	
	>= 30	65	7		6		3,7	
Câmpus (n = 902)	Apucarana	3	6	*0,002 ^b	4	0,252 ^b	3,3	0,138 ^b
	Campo Mourão	9	7		5,5		3,2	
	Cornélio Procopio	72	7		6		3,7	
	Curitiba	442	7		6		3,7	
	Dois Vizinhos	29	6		6		3,7	
	Francisco Beltrão	29	6		5		3,3	
	Guarapuava	44	7		6		3,7	
	Londrina	14	7		5		3	
	Medianeira	57	6		6		3,7	
	Pato Branco	67	6		6		3,7	
	Ponta Grossa	85	6		6		3,3	
	Santa Helena	10	6		4		3	
	Toledo	41	7		5		3,8	
Área de estudo (n = 913)	Ciências biológicas	52	6	*0,000 ^b	5	*0,000 ^b	3,7	*0,002 ^b
	Ciências exatas	787	7		6		3,7	
	Ciências humanas	74	6		5		3,3	
Período (n = 913)	1º	145	6	*0,000 ^b	6	*0,002 ^b	3,7	0,194 ^b
	2º	98	6		6		3,7	
	3º	119	7		6		3,7	
	4º	86	6		6		3,7	
	5º	118	7		6		3,7	
	6º	89	6		6		3,5	
	7º	86	7		6		3,7	
	8º	87	7		6		3,3	
	9º	27	7		7		4	
	10º	58	7		7		3,7	

Situação Profissional (n = 909)	Autônomo/Conta própria/Profissional Liberal	95	7		6		3,7	
	Desempregado	173	6		5		3,3	
	Estagiário	180	7		6		3,7	
	Funcionário de empresa privada	132	7	0,025 ^b	6	*0,000 ^b	3,7	0,454 ^b
	Não estou trabalhando, nem procurando emprego	303	7		6		3,7	
	Servidor público	26	7		7		3,7	
Possui fonte de renda? (n = 910)	Sim	615	7		6		3,7	
	Não	295	7	0,478	5	*0,000	3,7	0,581
Renda Familiar (n = 909)	Abaixo de R\$ 998,00	79	6		6		3,7	
	Entre R\$ 998,01 a R\$ 2.994,00	325	6		5		3,3	
	Entre R\$ 2.994,01 a R\$ 4.990,00	184	7	*0,000 ^b	6	*0,005 ^b	3,7	0,014 ^b
	Entre R\$ 4.990,01 a R\$ 6.986,00	118	7		6		3,3	
	Acima de R\$ 6.986,01	198	7		6		3,7	
Número de componentes do grupo familiar (n = 902)	1	97	6,5		6		3,3	
	2	170	7		6		3,7	
	3	233	7	0,418 ^b	6	0,866 ^b	3,7	0,074 ^b
	4	278	7		6		3,7	
	> 5	124	7		6		3,7	
Estado Civil (n = 909)	Solteiro(a)	788	7		6		3,7	
	Não solteiro(a)	121	7	0,316	6	0,074	3,7	0,882
Filhos (n = 902)	Sim	49	7		6		3,7	
	Não	853	7	0,312	6	0,413	3,7	0,877
Universidade contribuiu para desenvolver conhecimento financeiro (n = 913)	Sim	304	7		6		3,7	
	Não	609	7	0,595	6	0,432	3,7	0,292

*. Existem diferenças significativas no nível de significância de 0,01.

^a Mann Whitney. ^b Kruskal Wallis

Fonte: Elaboração própria.

Apêndice III - Educação financeira segundo fatores sociodemográficos

Fatores	Categorias	<i>n</i>	<i>Mediana</i>	<i>p-value</i>
Sexo (n = 913)	Feminino	400	14,7	*0,000
	Masculino	513	16,3	
Idade (n = 913)	< 18	23	14,3	*0,001 ^b
	18 - 21	402	15,3	
	22 - 25	321	16	
	26 - 29	102	17	
	> 30	65	16,7	
Câmpus (n = 902)	Apucarana	3	11,1	*0,010 ^b
	Campo Mourão	9	15,7	
	Cornélio Procópio	72	16,3	
	Curitiba	442	16	
	Dois Vizinhos	29	15	
	Francisco Beltrão	29	14,3	
	Guarapuava	44	15,7	
	Londrina	14	15	
	Medianeira	57	15,3	
	Pato Branco	67	15,7	
	Ponta Grossa	85	15	
	Santa Helena	10	13	
Área de estudo (n = 913)	Toledo	41	15,3	*0,000 ^b
	Ciências biológicas	52	14,3	
	Ciências exatas	787	16	
	Ciências humanas	74	14,7	
Período (n = 913)	1º	145	15,3	*0,000 ^b
	2º	98	15,3	
	3º	119	15,5	
	4º	86	15,3	
	5º	118	16	
	6º	89	15,8	
	7º	86	16	
	8º	87	16,3	
	9º	27	17,2	
	10º	58	17	
Situação Profissional	Autônomo/Conta	95	16,7	*0,000 ^b

(n = 909)	própria/Profissional Liberal			
	Desempregado	173	15,7	
	Estagiário	180	16,3	
	Funcionário de empresa privada	132	16,5	
	Não estou trabalhando, nem procurando emprego	303	15,3	
	Servidor público	26	17,7	
Possui fonte de renda? (n = 910)	Sim	615	16	*0,000
	Não	295	15,3	
Renda Familiar (n = 909)	Abaixo de R\$ 998,00	79	15,3	*0,000 ^b
	Entre R\$ 998,01 a R\$ 2.994,00	325	15,3	
	Entre R\$ 2.994,01 a R\$ 4.990,00	184	16	
	Entre R\$ 4.990,01 a R\$ 6.986,00	118	16	
	Acima de R\$ 6.986,01	198	16,3	
Número de componentes do grupo familiar (n = 902)	1	97	15,3	0,321 ^b
	2	170	16	
	3	233	16	
	4	278	15,3	
	> 5	124	16	
Estado Civil (n = 909)	Solteiro(a)	788	15,7	*0,014
	Não solteiro(a)	121	16,7	
Filhos (n = 902)	Sim	49	16,3	0,808
	Não	853	15,7	
Universidade contribuiu para desenvolver conhecimento financeiro (n = 913)	Sim	304	15,3	0,183
	Não	609	16	

*. Existem diferenças significativas no nível de significância de 0,01.

^a Mann Whitney. ^b Kruskal Wallis

Fonte: Elaboração própria.